

A VOLTA DO ESTADISTA



O giro de Lula pela Europa reabre o diálogo do Brasil com os principais líderes globais, que enxergam no ex-presidente o parceiro confiável e o líder responsável por tirar o país da miséria e da fome. Tudo o que Bolsonaro mostrou que não é

Foto: Ricardo Stuckert

focus
BRASIL

Fundação Perseu Abramo 22 de Novembro de 2021 Nº 37

Dia da Consciência Negra: memória viva da resistência

Sílvio Almeida: Bolsonaro sequestrou a alma do país

PT quer incluir programa de renda na Constituição

Como devolver o dinheiro do fisiologismo para o SUS

EXPOSIÇÃO VIRTUAL
CENTENÁRIO
Paulo Freire

A EXPOSIÇÃO ESTÁ NO AR

ACESSE EM: fpabramo.org.br

25 anos
FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

Centro
Sérgio
Buarque
de Holanda
de Documentação e
História Política

PAUTA
BRASIL

**ASSISTA AO
PROGRAMA
PAUTA BRASIL**

SEGUNDAS, QUARTAS
E SEXTAS-FEIRAS
ÀS 17 HORAS

REALIZAÇÃO E
TRANSMISSÃO: FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

TRANSMISSÃO: PT DCM Fórum TV 247

SIGA O CANAL DA REVISTA

YouTube

focus
BRASIL

Revista Focus Brasil
191 inscritos

INSCREVA-SE

NO YOUTUBE

focus BRASIL

Uma publicação da Fundação Perseu Abramo

Diretor de Comunicação: Alberto Cantalice

Coordenador de Comunicação: David Silva Jr.

Produção: Oficina da Notícia

Editor-Chefe: Olímpio Cruz Neto

Colaboradores: Artur Araújo, Bia Abramo, Danilo

Molina, Isaías Dalle, Nathalie Nascimento,

Pedro Camarão e Ricardo Stuckert



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Aloizio Mercadante

Vice-presidenta: Vivian Farias

Diretoras: Elen Coutinho e Jéssica Italoema

Diretores: Alberto Cantalice, Artur Henrique da Silva

Santos, Carlos Henrique Árabe, Jorge Bittar,

Geraldo Magela e Valter Pomar

CONSELHO CURADOR

Presidenta de honra: Dilma Rousseff

Presidente: Fernando Haddad

Conselheiros: Ana Maria de Carvalho Ademar, Arthur

Chioro dos Reis Fontenele, Arlete Sampaio, Azilton Viana,

Camila Vieira dos Santos, Celso Amorim, Dilson Peixoto,

Eleonora Menicucci, Eliane Aquino, Elisa Guaraná de

Castro, Esther Bemerguy de Albuquerque, Everaldo de

Oliveira Andrade, Fernando Pimentel, Fernando Ferro,

Francisco José Pinheiro, Iole Ilíada, José Roberto Paludo,

Lais Abramo, Luiza Borges Dulci, Maria Isolda Dantas de

Moura, Nabil Bonduki, Nilma Lino Gomes,

Paulo Gabriel Soledade Nacif, Penildon Silva Filho,

Sandra Maria Sales Fagundes, Sérgio Nobre,

Teresa Helena Gabrielli Barreto e Vladimir de Paula Brito

SETORIAIS

Coordenadores: Elisângela Araújo (Agrário),

Henrique Donin de Freitas Santos (Ciência e Tecnologia

e Tecnologia da Informação), Martvs Antonio Alves

das Chagas (Combate ao Racismo), Juscelino França

Lopo (Comunitário), Márcio Tavares dos Santos Chapas

(Cultura), Adriano Diogo (Direitos Humanos), Tatiane

Valente (Economia Solidária), Maria Teresa Leitão de

Melo (Educação), Alex Sandro Gomes (Esporte e Lazer),

Janaína Barbosa de Oliveira (LGBT), Nilto Ignacio Tatto

(Meio Ambiente e Desenvolvimento), Rubens Linhares

Mendonça Lopes Chapas (Pessoas com Deficiência),

Eliane Aparecida da Cruz (Saúde) e

Paulo Aparecido Silva Cayres (Sindical)

CONTATOS

webmaster@fpabramo.org.br

Telefone: (11) 5571-4299 Fax: (11) 5573-3338

Endereço: Rua Francisco Cruz, 234 Vila Mariana

São Paulo (SP) - CEP 04117-091

NESTA EDIÇÃO

LULA RETOMA A INTERLOCUÇÃO COM O PLANETA

No périplo pela Europa, Lula é recebido pelos presidentes da França e Espanha como chefe de Estado e recoloca o Brasil entre líderes globais ao tratar de combate à fome, desigualdade e meio ambiente. Ainda esteve com François Hollande e José Luís Zapatero

Página 13



EDITORIAL. O mundo parou para ouvir mais uma vez o maior líder do Brasil

Página 4

ENTREVISTA. Sílvio Almeida fala da destruição do país por Bolsonaro

Página 6

DIÁLOGO. Na Espanha e França, Lula denuncia desigualdade e fome

Página 16

SUCESSO. 'Le Monde' aponta êxito da turnê do ex-presidente

Página 18

AGENDA. Mercadante faz um balanço dos encontros de Lula com outros líderes

Página 19

PESQUISA. Aclamado no Velho Mundo, Lula segue isolado na corrida eleitoral

Página 22

COP26. O senador Jaques Wagner admite que cúpula ficou aquém, mas avançou

Página 24

CONSCIÊNCIA NEGRA. Nilma e Martvus falam da memória viva da resistência

Página 26

PROTESTOS. Movimento negro retoma atos nas ruas contra Jair Bolsonaro

Página 28

JUVENTUDE. Nádia Garcia diz que garotada vai para rua dar um basta ao atraso

Página 29

RACISMO. Transformar o sistema que normaliza as mortes pelas polícias

Página 30

DESIGUALDADE. Governo abandonou 30 milhões sem benefício do Auxílio Brasil

Página 32

RENDA. IBGE mostra que 1% do país ganha 35 vezes mais que 50% mais pobres

Página 34

OPINIÃO. Líder Bohn Gass critica Bolsonaro por abandonar mais carentes

Página 36

SAÚDE. Como tirar verbas do fisiologismo para garantir vacinas e o SUS

Página 38

MEMÓRIA. Estoura no Rio a Revolta da Chibata e Josué de Castro lança obra

Página 40

SEMINÁRIO. Democracia com racismo não dá: uma questão central no debate

Página 42

EDITORIAL

europa

A ESPERANÇA DE DIAS MELHORES PARA O BRASIL



Em apenas dez dias na Europa, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez mais pela imagem do Brasil no exterior do que Jair Bolsonaro em 3 anos e 11 meses de mandato. A posição de líder global de Lula continua preservada, mesmo estando fora da Presidência da República há dez anos.

Jair Bolsonaro esteve na Europa em outubro e protagonizou vexames em série, desde ser ignorado em plena reunião do G20 – os líderes das 20 maiores nações do planeta –, tendo de recorrer a garçons para não parecer deslocado em Roma, até pisar, literalmente, no pé da chanceler Angela Merkel. Fora as declarações estapafúrdias que envergonham a Nação.

Lula reabriu o diálogo internacional do Brasil, interrompido desde o Golpe de 2016 contra Dilma Rousseff. O ex-presidente Michel Temer tinha um desempenho melhor que o atual mandatário, mas longe de ter o prestígio internacional do ex-líder sindical, fundador do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores.

O ex-presidente foi tratado de maneira respeitosa e amigável por alguns dos mais influentes líderes políticos do mundo, que reconhecem no brasileiro o grande estadista que ele é – e que Bolsonaro jamais será. Lula é fonte de sabedoria política para outros estadistas, porque foi em seu governo que o Brasil deixou de ser uma Nação de grande desigualdade e miséria para viver uma revolução sem sangue, com políticas de redução da desigualdade social e transferência de renda. Daí o apreço da mídia e dos líderes europeus pelo ex-presidente.

Em Berlim, Lula esteve reuni-

do com o futuro chanceler Olaf Scholz, do SDP, o Partido Social Democrata da Alemanha, uma legenda centenária, com história de organização dos trabalhadores e cuja presença mais eloquente nas primeiras fileiras da sigla era ninguém menos do que Karl Marx. O ex-presidente do Brasil tem um histórico de boas relações com o SDP, e foi próximo dos líderes do partido Willy Brandt, Gerhard Schröder, Johannes Rau e Helmut Schmidt.

Lula foi saudado por Scholz como um interlocutor preferido no Brasil. “Estou muito satisfeito com nossas boas discussões e aguardo com expectativa continuar nosso diálogo!”, disse o futuro chanceler da Alemanha, que está em vias de formação do novo governo.

Na França, Lula encontrou-se com os ex-presidentes François Hollande, com quem mantém relações próximas, e os candidatos da esquerda à Presidência da França Jean-Luc Mélenchon e Anne Hidalgo, prefeita de Paris. Mas ninguém menos do que o atual presidente da França, Emmanuel Macron, também recebeu Lula no Palácio do Eliseu, sede da República da França.

Em tempos de relações conturbadas entre Brasil e França, Macron fez questão de receber o ex-presidente do Brasil com pompa e honras reservadas a chefes de Estado. A chegada de Lula à sede da Presidência da França contou com a presença da guarda republicana, que marchou e se posicionou na escadaria onde Macron recebe os convidados.

No encontro, Macron e Lula discutiram inúmeros temas globais e ligados também ao Brasil, à Amé-

rica Latina e à União Europeia, embora Lula não ocupe nenhum cargo público. Macron e Lula jamais tinham se visto e o encontro, que era para durar meia hora, foi o dobro do tempo previsto.

Lula e Macron discutiram assuntos “absolutamente fundamentais”, afirmou o porta-voz do governo francês, Gabriel Attal, citando a crise sanitária e seu impacto social, a transição climática e a luta contra o desmatamento.

Na sexta-feira, 19, foi a vez do chefe do governo espanhol, Pedro Sánchez, receber Lula, na última etapa da turnê do ex-presidente pela Europa. Trataram do enfrentamento ao avanço da extrema-direita. Sánchez fez questão de anunciar que trataram da situação da pandemia, as mudanças climáticas e a recuperação econômica.

A ida de Lula ao Velho Mundo representa um sopro de esperança para o Brasil e seu povo sofrido. Mas também traz uma brisa de fé em dias melhores para o próprio mundo. Nas palestras que proferiu na França e na Espanha, Lula levou uma mensagem: é urgente a reconstrução profunda do mundo, sobre os alicerces da igualdade, da fraternidade, do humanismo, dos valores democráticos e da justiça social.

“Mudar o mundo deve ser sempre a nossa profissão de fé, a própria razão para existirmos e nos lançarmos a uma luta árdua e permanente, da qual não poderemos jamais descansar”, afirmou. Foi aplaudido de pé tanto em Paris quanto em Madri. O mundo quer ouvir os conselhos de Lula e respeita a história do líder político brasileiro mais importante da história recente. •



“BOLSONARO É UM SEQUESTRADOR DA ALMA NACIONAL”

O advogado diz que o país foi destruído por Bolsonaro e os conservadores e extremistas que o cercam. Ele diz que a reconstrução será longa e que os desafios são inúmeros. “O grande elemento simbólico seria a gente colocar, por exemplo, o SUS como um elemento vital da civilização brasileira. Precisamos reconstruir os direitos trabalhistas no Brasil. Nós precisamos civilizar o Brasil de um jeito que ele nunca foi civilizado”, afirma.

Alberto Cantalice e Pedro Camarão

Autor de “Racismo Estrutural”, livro que transformou a discussão e a perspectiva sobre o racismo no Brasil, Sílvio Almeida apresenta nesta entrevista à **Focus Brasil** um diagnóstico detalhado e exato sobre o que levou Jair Bolsonaro ao poder, mas também sobre as características desse período que causam tanto sofrimento a todos os brasileiros.

Essa dor não é por acaso. É fruto do sequestro do Brasil por Jair Bolsonaro, de acordo com o professor de Direito e doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São

Paulo (USP). “Jair Bolsonaro está mantendo o Brasil em cativeiro”, afirma o pesquisador, um dos mais importantes pensadores atuais do país. O resultado desse cárcere é o sequestro do nosso presente. Jair Bolsonaro impede que o passado e o futuro sejam discutidos. Só conseguimos falar sobre essa figura que já teve o nome mencionado diversas vezes neste pequeno parágrafo: Jair Bolsonaro. Ou falamos sobre como tirá-lo do poder ou como vencê-lo nas próximas eleições.

A consciência sobre a contingência da realidade, ou seja, da provisoriedade dos significados, permite que Sílvio Almeida não

se apresente como um intelectual. De acordo com o professor, só é possível tentar ser um intelectual. Trata-se de um exercício permanente. Fazendo uma nota pessoal, ele afirma: “Ser um intelectual negro é um exercício de você tentar se conectar com o mundo intelectual, mas você tentar também sair dessa armadilha que o racismo coloca fazendo com que você seja obrigado a falar daquilo que as pessoas esperam que você, como negro, vá falar. E é sempre algo que é rebaixado. É sempre algo que é menor do que aquilo que precisa ser dito. Impressionante”. Leia trechos da entrevista a seguir:

Focus Brasil – Professor, essa entrevista vai ser publicada no final de semana do dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. E essa é uma data que ainda provoca revolta entre pessoas identificadas com o bolsonarismo, com o conservadorismo e com a direita de uma maneira geral. O que o senhor pensa sobre essa revolta? Por que ela existe? É somente negacionismo, é o fascismo que existe em todos nós ou é o medo, medo de mudança?

Sílvio Almeida – Acredito que todos esses componentes que você estabelece podem servir como vetor de explicação dessa reação em relação ao tema. Mas eu acho que a gente precisa buscar as raízes disso em camadas mais profundas da nossa sociabilidade. Eu acho que pensar o que significa viver nesse momento histórico em que nós estamos posicionados, e eu não falo apenas do Brasil, mas em relação ao mundo. Acho que a gente vive num momento de profunda e acelerada degradação das condições socioeconômicas. Acho que tudo isso se reflete também na capacidade das instituições de dar respostas aos problemas concretos das pessoas. Hoje, estamos vivendo uma situação em que a institucionalidade política e aquilo que a gente convencionou chamar de democracia, em termos formais, já não é capaz de dar uma resposta para as angústias, para os problemas, para as insatisfações das pessoas. Acho que esse é um fator importante. Nós temos um problema econômico muito forte, ou seja, de reprodução material da vida. Tem um problema político-institucional que deriva disso e tem uma terceira questão também, que está relacionada a tudo o que eu falei agora, que é a questão ideológica.

A decomposição da vida no sentido econômico, das formas de manutenção de uma coesão social com bases institucionais leva tam-

bém ao que a gente pode chamar de uma crise civilizatória, uma crise de horizontes. Há uma profunda dissonância em relação às projeções de um horizonte comum. A gente perdeu as bases do comum. A gente não consegue mais se ver como comunidade e isso, obviamente, vai acirrando os discursos de ódio.

Você tem os discursos que vão apelar para um certo misticismismo que também vai se voltar a um profundo conservadorismo, no pior sentido que essa palavra

A DEMOCRACIA JÁ NÃO É CAPAZ DE DAR UMA RESPOSTA PARA AS ANGÚSTIAS, PARA OS PROBLEMAS, PARA AS INSATISFAÇÕES DAS PESSOAS

pode ter. Resumindo, essas reações são sintomas. Elas não são a causa do problema. A subjetividade das pessoas não é uma causa original, ela é sempre uma causa sintomática. Ou seja, a ideologia como sintoma de um mundo em decomposição. Esse é o mundo do neoliberalismo que vai levando a uma série de outras deformações do ponto de vista social e político.

– No livro “Racismo Estrutural”, você fala dentre outros temas

sobre racismo e política e aponta a questão da sub-representação do negro brasileiro no Parlamento. Gostaria que você fizesse uma análise sobre isso. Mas também gostaria de lhe perguntar sobre a participação dos negros na política. Os negros brasileiros são 56% da população, já nos EUA os negros são 15%. E você é grande conhecedor sobre a realidade da luta do movimento negro americano. Você não acha que há uma certa síndrome de colonizado no movimento aqui no Brasil por querer, de certa maneira, copiar o movimento negro americano?

– A sua pergunta tem uma série de camadas. Vamos desmistificar algumas coisas que você coloca e que fazem todo sentido tanto na pergunta quanto nas possíveis respostas que você apontou. Vamos problematizar, né? Primeiro, a questão demográfica que eu acho que é importante. Você fala que no Brasil são 56%, nos EUA está em torno de 15%. E isso faz muita diferença porque ao contrário do que se pode imaginar, que o senso comum pode dizer: “Bom, lá eles são minoria e, portanto, deve ter algum elemento na luta política, deve ter algum tipo de ação política e de avanço no movimento negro que permitiu aos negros americanos, supostamente, avançar mais do que os negros brasileiros”. Esse tipo de resposta não leva em consideração elementos históricos e que são, portanto, políticos e que têm que ser vistos do ponto de vista econômico. Primeiro, os EUA têm um Produto Interno Bruto (PIB) muito maior do que o nosso, muitas vezes maior do que o nosso. Isso faz toda a diferença. Estamos falando de um país industrializado, o que significa que o trabalho lá é organizado de uma outra maneira, as políticas salariais são outras. Apesar de você não ter um sistema de proteção social como o que nós constituímos e

que se deve muito ao movimento negro também, é bom que se diga isso. E a posição geopolítica dos EUA também como uma potência militar, econômica, enfim, tudo isso cria uma dinâmica da distribuição da riqueza e da maneira como ela é produzida dentro dos EUA. Isso também tem um efeito na dinâmica racial. De tal sorte que eu posso dizer o seguinte: o tipo de opressão e o tipo de violência por parte do Estado, por parte da sociedade americana contra os negros é diferente daquela que é feita aqui no Brasil.

Eu diria o seguinte, até de maneira contraintuitiva, a violência sofrida pelos negros aqui no Brasil, dado que são maioria, tem que ser muito mais sofisticada e muito mais incisiva do que aquela que é sofrida nos EUA. A violência direta, aparentemente, é mais contundente, mais visível. Mas não é mais sofisticada. Para lidar com casos de violência direta e para manter a estabilidade diante disso, você precisa de muito mais energia. Aqui no Brasil, os instrumentos de dominação têm que ser muito mais sofisticados tanto do ponto de vista político como do ideológico. Gosto sempre de trazer à mente uma imagem. Vocês imaginam que numa manifestação como a que houve no ano passado do *Black Lives Matter*, um policial no Brasil daria as mãos para os manifestantes e se ajoelharia junto com eles? Não. Isso não há possibilidade. Inclusive, a sociedade brasileira, instigaria o policial a atirar no negro e uma outra parte da sociedade sequer se chocaria com isso saindo nos jornais. Nós incorporamos a violência cotidiana contra os negros, naturalizamos de tal forma que os americanos não têm dimensão do nível de violência que os negros brasileiros sofrem. Todos os negros. No nível da violência física e no nível também daquilo que a gente poderia chamar de violência simbólica - do ponto

de vista de uma naturalização e o lugar do negro na sociedade.

Isso leva a uma segunda questão também relacionada a sua pergunta. O movimento negro brasileiro é de uma originalidade, de uma capacidade e de uma sofisticação que não tem comparação com o que acontece nos EUA. E falo isso porque os movimentos sociais negros, assim como todos os movimentos sociais, têm um caráter histórico próprio. Ou seja, são o resultado das condições materiais e da luta contra as condições que justificam sua pró-

O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO É DE UMA ORIGINALIDADE E DE UMA SOFISTICAÇÃO QUE NÃO TEM COMPARAÇÃO COM O QUE ACONTECE NOS EUA

pria existência. Eu costumo dizer que todo o movimento social, de maneira paradoxal, luta para que possa ser superado, para que tenha fim. Existe por conta das reivindicações e das bandeiras que carrega. Ou seja, o movimento social negro luta para que não haja mais movimento social negro. Uma vez superado o racismo não existe mais o porquê desse tipo de reivindicação e, portanto, esse tipo de agrupamento. Agora, a gente olhando historicamente o Brasil vemos o seguinte, o movimento

negro no Brasil se organiza desde o final do século 19 e depois vai também se adaptando a todas as transformações socioeconômicas e culturais do Brasil.

Tem um conceito que eu estou utilizando agora que chama "gramáticas da diáspora". Os movimentos sociais, de uma maneira geral, e o movimento negro não é diferente disso, estabelecem uma comunicação e, portanto, uma troca de experiências e uma troca conceitual que faz com que as lutas, apesar de separadas pelos contextos históricos distintos, unifiquem-se de alguma forma. Exemplo, estamos no mês da consciência negra. O conceito de consciência negra foi forjado na luta contra o apartheid na África do Sul. São os textos de Steve Biko e, particularmente, o texto "Eu escrevo o que quero", é onde ele vai trazer a formulação mais bem acabada do que é a ideia de consciência negra. Uma ideia que depois também vai se juntar à luta dos negros dos EUA. A luta de África vai influenciar também e ser influenciada dentro das gramáticas diaspóricas. A luta nos EUA, o *black power*. Olha o final dos anos 1970, *black power*, mas *black is beautiful* também. É a reconstrução de uma identidade orgulhosa de si que é forjada na luta contra o racismo, mas que levanta a cabeça e, portanto, tem orgulho de si mesmo. No final dos anos 1970, você tem a ideia da consciência negra, do *black power* e você tem um resgate. Tem algo mais brasileiro do que isso, você resgatar dentro dessa ideia de reconstrução de uma identidade negra, a figura de Zumbi dos Palmares que se torna um símbolo de libertação, não só para os negros brasileiros, mas um símbolo de libertação para o Brasil?

Eu sempre costumo perguntar o seguinte, essa lógica do "identitarismo" ou das políticas de identidade tal como falam os ameri-

canos, que esquece a dimensão estrutural – inclusive, o meu livro é para resgatar essa dimensão estrutural do problema das identidades, dentre outras coisas; é, justamente, um grito para dizer que ser negro significa estar dentro de certas condições políticas, econômicas, sociais, ideológicas que forjam a minha identidade. Eu não sou o que eu quero, eu sou aquilo o que o mundo fez de mim e misturado com as decisões que eu vou tomar a partir do momento que a minha vida faz algum sentido no interior desse contexto. Então, acho que entender a ideia do “identitarismo” é entender também as armadilhas da identidade como diz o Asad Hayder.

– **O que são as armadilhas da identidade?**

– Não são só as minorias, negros, mulheres, LGBTQIA+, enfim, que ficam todo o tempo afirmando a sua identidade, sem se conectar com as questões estruturais. Mas é também o branco que não entende que ele é resultado também dessas mesmas condições. Porque quem começa com o “identitarismo” são os brancos e de extrema-direita. A extrema-direita é identitária. Eles querem afirmar a sua identidade contra o resto do mundo. Há algo mais identitário do que o fascismo? Há algo mais identitário do que alguém dizer assim, “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”? Isso é “identitarismo”, no mais alto grau. O sujeito fala isso justamente para não ter que pensar na miséria das condições econômicas das quais ele faz parte, das quais ele é o dinamismo. Então, o “identitarismo” é um problema que nasce no “colo” dos brancos de extrema-direita e que, porque todos estamos aqui inseridos nesse meio, nós, de alguma maneira, somos atravessados por isso. Então veja, o problema não é a gente de alguma maneira afirmar a nossa identidade, não é

a gente ser capturado pela lógica das redes sociais, porque uma hora ou outra nos somos capturados. Por isso que somos seres no mundo, não estamos fora do mundo. O problema é a gente tentar pensar criticamente tudo isso e criar...e pensando na formação de estruturas, políticas e de mudanças nas relações econômicas que nos tirem dessa armadilha. Por que sabe uma coisa que está acontecendo muito comigo? É algo muito interessante. Tem algumas pessoas que ao me criticar

MEU LIVRO É UM GRITO PARA DIZER QUE SER NEGRO SIGNIFICA ESTAR DENTRO DE CERTAS CONDIÇÕES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E SOCIAIS...

– confesso que eu não dou muita bola para isso, não...

– **Sequer leram o que você escreve.**

– Pois é. Dizem, “o Silvio é identitário”. Mas sabe o que é isso? É que ninguém ainda falou isso para mim diretamente. Porque o dia que falarem “você é identitário”, eu vou falar “você é racista. Sabe por quê? Porque você está falando que eu sou identitário não é pelo que eu escrevo, mas porque eu sou negro e toda vez que um ne-

gro abre a boca é como se ele só pudesse falar de si mesmo”. Não é? Parece que eu estou sempre falando de mim mesmo. Não. Outro dia alguém falou assim para mim: “Você, quando for falar tal coisa, você tem que falar sobre cotas”. Eu falei: “Não. Não tenho que falar sobre cotas. Eu não sou doutor em cotas. Eu sou doutor em Filosofia e Teoria Geral do Direito pela Universidade de São Paulo”. Eu posso, eventualmente, falar porque eu ajudei a construir alguns programas. Outro dia falaram: “O Silvio é especialista em racismo”. Eu falei: “Não. Quem é especialista em racismo são os brancos. Eu sou especialista em Filosofia e Teoria Geral do Direito”. Tem algumas coisas que são muito curiosas.

Uma nota pessoal. Ser um intelectual... tentar ser. Porque ser intelectual é sempre uma tentativa. Você nunca está pronto. Todo dia você precisa ler alguma coisa e tentar... Ser um intelectual é sempre um exercício. Eu estou tentando todos os dias fazer isso. Mas ser um intelectual negro é um exercício de você tentar se conectar com o mundo intelectual, mas você tentar também sair dessa armadilha que o racismo coloca fazendo com que você seja obrigado a falar daquilo que as pessoas esperam que você, como negro, vá falar. E é sempre algo que é rebaixado. É sempre algo que é menor do que aquilo que precisa ser dito. Impressionante.

– **Temos na Presidência um homem que é tratado por antropólogos e outros especialistas como uma figura geradora e propagadora de ódio. Ele não apenas detém um discurso odioso, como também fomenta o ódio de todos quando faz com que o odeiem e expressem esse ódio por ele. Quanto esse grupo político que está no poder conseguiu gerar retrocessos no debate social e no debate racial?**

– Conseguiram, claro que conseguiram. Tanto que conseguiram que a gente, primeiro, não consegue discutir a questão racial sob uma perspectiva ampla. O Brasil está interrompido. O Brasil está em transe. Então, a gente não consegue discutir essa questão e quando discute é sempre nessa dimensão restritiva e que se torna necessária porque a gente precisa salvar as nossas vidas. O governo colocou o Brasil e também, por óbvio porque está no Brasil, a questão racial em estado de emergência. A gente sempre faz as coisas na emergência porque há um medo permanente da morte, é o medo permanente da miséria, é o medo permanente de perder a dignidade. Então, diante de uma situação como essa, obviamente que todo discurso político, todo projeto de futuro, tudo o que a gente precisa debater com mais profundidade está agora no campo da superfície, da emergência.

Nós somos, talvez, o país da América Latina - e as nossas independências foram todas muito próximas - que está às vésperas do bicentenário da sua independência e que não conseguiu fazer nenhuma discussão importante sobre isso. Principalmente, no campo da esquerda. Nós estamos totalmente capturados por isso. E a direita está discutindo. Vocês acham que é à toa que existe um revisionismo histórico em torno do que foi o Império? O revisionismo histórico em torno do que foi a escravidão, que é uma bandeira permanente da extrema-direita? Eles estão, portanto, fazendo algo que nós teríamos que fazer, mas não estamos tendo as condições para fazê-lo, que é aquilo o que o Walter Benjamin falava: "Disputar os mortos". Nós somos um país que precisa disputar o passado. A gente não está disputando só o futuro, nós estamos disputando o passado também. Os sentidos do Brasil. A gente está hoje, por conta desse

governo - falo do "governo" porque não quero ficar só na figura do seu principal nome, todos ali fazem parte desse projeto de destruição do país e de inviabilização de qualquer Brasil possível -, estamos presos no presente. Tudo o que a gente pensa ou discute hoje, é discutir Bolsonaro. É discutir como tira o Bolsonaro ou como minimiza os efeitos da desgraça que esse homem está fazendo na nossa vida.

A gente não consegue espaço para discutir o futuro do Brasil. Isso

O GOVERNO BOLSONARO COLOCOU O BRASIL E TAMBÉM, POR ÓBVIO PORQUE ESTÁ NO BRASIL, A QUESTÃO RACIAL EM ESTADO DE EMERGÊNCIA

é muito ruim. De novo, nós estamos às vésperas do bicentenário da independência, o que parece uma coisa menor, mas nós não estamos com tempo para disputar os mortos e discutir o passado. Aliás, nós não estamos com tempo para disputar e para ressignificar os mortos do último ano. O Brasil é um país em que morreram mais de 600 mil pessoas e que nós não tivemos luto. A gente não tem futuro possível se a gente não ritualizar a morte. A gente não consegue ritualizar a vida. A gente vai ter que, de alguma maneira, abrir

uma agenda para pensar essas dimensões que não são só simbólicas, são as dimensões da ressignificação da vida. A nossa vida está sem sentido hoje porque nós não estamos disputando os mortos e nem conseguindo pensar no futuro. O Bolsonaro sequestrou o Brasil. Ele colocou o Brasil em cativeiro. Ele é um sequestrador da alma nacional. É isso o que ele é.

– Existe a possibilidade de um novo governo progressista a partir de 2023, espero que seja do presidente Lula...

– Esperamos. Esperamos. Todos.

– O que o senhor espera, o que acredita que deva ser prioridade para esse novo governo? Imaginamos que a reconstrução vá ser demorada.

– Na verdade, eu não acho que vá ter reconstrução, acredita? Eu acho que vai ter que ser uma construção porque o Brasil que a gente conheceu não existe mais. Acabou. Vamos nos conformar com isso? Em certos pontos, ainda bem. Porque não estava bom também, antes, né... é aquela velha história, "nada está tão ruim que não possa piorar" e piorou muito. Eu quero me lembrar aqui dos termos usados pelo professor Wanderley Guilherme dos Santos sobre o governo Bolsonaro. É um governo de ocupação, não é um governo normal. É um governo da desordem, do caos. Governo, para essas pessoas que estão lá, é justamente instalar o caos. É a destruição de todas as leis institucionais possíveis e imagináveis, e eles nunca mentiram em relação a isso. Lembram daquele famoso jantar nos EUA em que ele falou "a gente vai ter que destruir muita coisa para poder construir"? Eles vieram para destruir. Destruir, inclusive, a nossa sanidade mental. Destruir a nossa capacidade de se manter hígido diante do mundo.

Então, eu espero de um pró-

ximo governo de esquerda, um governo progressista, um governo que se reconecte com a população... E eu estou dizendo isso porque eu espero um governo nesses moldes... Porque tem muita gente se apresentando como diferente do que aí está, mas que na verdade são só pessoas que parecem ser mais educadas, mas que têm o mesmo projeto. Então, são várias armadilhas, como a luta contra a corrupção que começa a movimentar um certo moralismo político e que serviu muito às propostas de destruição do Brasil. Eu estou esperando, primeiro, a construção de um desenho político-institucional no Brasil que pudesse se colocar a partir de três eixos que eu chamo de tendências estruturais do Brasil. O primeiro eixo é o da dependência econômica. Nós precisamos pensar num projeto econômico para o Brasil que seja consistente, que mude as bases da economia nacional, que seja de industrialização do Brasil e que permita ao país não mais ser refém da banca internacional, do capital internacional, que consiga proteger a economia e o povo brasileiro. Um sistema de financiamento sólido para os direitos sociais e pensarmos a economia como desenvolvimento, mas pensarmos também o desenvolvimento como trazer para dentro do orçamento aqueles que mais precisam. Esse é o primeiro eixo.

O segundo eixo é o político, que vai atacar o problema que podemos chamar de falta de democracia, de autoritarismo, de falta de participação política. Precisamos ampliar os espaços da democracia, cada vez mais fazendo com que algumas decisões fundamentais do Brasil passem pelo povo brasileiro e nós precisamos organizar institucionalmente o país para permitir esses canais de participação política permanente. Porque é isso o que vai nos defender contra esses grupos que

estão instalados, inclusive, na burocracia do Estado – como estávamos falando –, e que muitas vezes eles se colocam como os arautos do povo brasileiro e, na verdade, não são. São burocratas que não tem nenhuma conexão com o povo, mas que se assenhoram dos destinos do Brasil muitas vezes. E o terceiro eixo, acho que a gente não pode escapar disso, é a gente pensar na questão do racismo. A gente vai ter que pensar nisso, vai ser inevitável. A gente mostrar como o racismo é um elemento

FIAMOS ANOS CONSTRUINDO NO IMAGINÁRIO SOCIAL BRASILEIRO A IMPORTÂNCIA DO SUS, DA VACINA... TANTO QUE ELES NÃO CONSEGUIRAM DESTRUIR O SUS

fundamental, estrutural portanto, que compromete a nossa possibilidade do desenvolvimento econômico, a democracia, também a emergência de uma energia popular que poderia, inclusive, nos proteger, do ponto de vista cognitivo, contra o autoritarismo. Veja, ficamos anos construindo no imaginário social brasileiro a importância do Sistema Único de Saúde, da vacina... tanto que eles não conseguiram destruir o SUS, não conseguiram fazer com que o povo brasileiro não se vacinasse.

Olha só o que é ter uma defesa cognitiva. Então, precisamos valorizar o que a cultura popular tem de mais potente da resistência do povo brasileiro, da luta contra o racismo. Nós precisamos criar desenhos institucionais em torno disso.

E eu termino dizendo o seguinte, por isso que vamos precisar não só de ter boa vontade, a intenção e a vontade de tirar esses horrores que nos governam, mas a gente vai ter que pensar o mundo... que, inclusive essas pessoas não estarão ou estarão na cadeia que é onde elas devem estar na próxima quadra. Elas têm que ser responsabilizadas por isso. E precisamos também fazer uma grande homenagem às pessoas que foram vítimas desse período. Nós precisamos fazer monumentos, lembrar das pessoas que morreram nessa pandemia. Isso vai ser um elemento civilizatório para nós. E eu acho que o grande elemento simbólico seria a gente colocar, por exemplo, o SUS como um elemento vital da civilização brasileira. A reconstrução dos direitos trabalhistas no Brasil. Olha só o mote que a gente tem. Precisamos reconstruir os direitos trabalhistas no Brasil. Nós precisamos civilizar o Brasil de um jeito que ele nunca foi civilizado, porque civilização para nós sempre foi sinônimo de destruição do meio ambiente, de destruir os povos originários, matar preto... isso foi a civilização que nós entendemos. Temos que construir uma civilização que englobe a utilização das energias do povo brasileiro para fazer um desenho institucional que possa nos colocar em direção e em linha com o futuro. Acho que é isso. Tem muita coisa para fazer e a gente vai precisar de inteligência para fazer isso. •



LULA

RETOMA DIÁLOGO

COM O MUNDO

Em um dos momentos mais duros das relações do mundo com o Brasil, relegado a segundo plano pela política isolacionista de Bolsonaro, Lula retoma diálogo com líderes globais e é recebido na Alemanha, Bélgica, França e Espanha como chefe de Estado

Dez dias na Europa, depois de percorrer quatro países – Alemanha, Bélgica, França e Espanha – reunir-se com dois chefes de Estado – Emmanuel Macron (França) e Pedro Sánchez (Espanha) – e dois ex-presidentes da República, José Luiz Zapatero (Espanha) e François Hollande (França), além do futuro chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, Lula mostrou ao Velho Mundo o melhor da política brasileira, simpatia e capacidade de diálogo. Toda a mídia e líderes europeus sabem que Lula é o favorito nas eleições presidenciais de 2022.

Em Paris, no Palácio do Eliseu, sede do governo, Lula foi recebido com pompa pelo presidente Emmanuel Macron. O encontro durou 1h15min e os dois líderes políticos conversaram sobre as relações internacionais da França com o Brasil e a América Latina. Outro ponto da pauta foi a crise mundial e as transições globais para enfrentar os desafios da preservação ambiental, geração de empregos, redução das desigualdades e proteção ambiental.

Segundo Lula, a questão do financiamento da chamada transição ecológica dos países em desenvolvimento é uma preocupação mútua. Macron expressou reconhecimento da importância do Brasil no mundo e desejo de relações mais fortes entre o país e a França, paralisadas desde a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República em 2019.

Em Madri, ao ser recebido por Pedro Sánchez no Palácio de Moncloa, Lula tratou da integração europeia e da América Latina, discutindo o papel que o Brasil já teve – e que pode voltar a ter, e a participação da Espanha numa Europa mais integrada e mais coesa. Eles discutiram ainda a importância das relações bilaterais de Brasil e Espanha, e trocaram experiências sobre programas sociais desenvolvidos em seus países.

Lula e Sánchez falaram do Bolsa Família, do programa habitacional Minha Casa, Minha Vida, iniciativas de inclusão social implementadas por Lula e que estão sendo destruídas no Brasil. Também comentaram os riscos para as democracias e a importância de se contrapor

O EX-PRESIDENTE ZAPATERO FOI SÓ ELOGIOS: “LULA FOI O PRESIDENTE QUE MAIS AJUDOU OS POBRES E MAIS TRABALHOU PARA ACABAR COM A POBREZA”



Ricardo Stuckert

com governos democráticos e voltados para o crescimento sustentável e a igualdade.

A capacidade de interlocução de Lula reabriu algumas portas ao Brasil, fechadas desde que Bolsonaro passou a reagir com dureza às críticas dos europeus à destruição da Amazônia. Em Bruxelas, no início da semana, Lula também esteve com o chefe da diplomacia europeia, Josep Borrell.

O ex-presidente fez lembrar ao mundo que o Brasil do samba, da bossa nova, da redução das desigualdades sociais e do compromisso político com justiça social não está morto. Ele mesmo fez um balanço de sua passagem pelo continente, lembrando do acolhimento, da renovação da esperança e da capacidade de assumir o desejo de mudar o mundo.

“Estou convencido de que é possível recuperar o Brasil. Essa viagem que eu fiz pela Alemanha, pela Bélgica, pela França e pela Espanha é uma tentativa de provar ao povo brasileiro que o povo gosta do Brasil”, destacou. Lula foi saudado por líderes globais influentes, como Macron e Sánchez, que ouviram atentamente as preocupações do ex-presidente do Brasil com o aumento da desigualdade no mundo.

Em Berlim, Bruxelas, Paris e Madri, Lula fez questão de cultivar seu



POLÍTICA

Lula depois do encontro com o ex-presidente da França, em Paris. Trataram dos desafios do Partido Socialista Francês e do Partido dos Trabalhadores.

dos 20 anos”, descreve o jornal. “No entanto, nenhum cantor aparecerá. Foi por um homem de 76 anos, com cabelos brancos e uma cabeça quase calva, que o público jovem se mexeu”.

A avidez da audiência na França ou na Espanha em ouvir o ex-presidente do Brasil são justificadas. “Lula foi o presidente que mais ajudou os pobres e mais trabalhou para acabar com a pobreza”, lembrou o ex-presidente do governo espanhol José Luís Zapatero, em discurso no Parlamento Europeu, em Bruxelas. O ex-presidente foi ovacionado em Bruxelas e falou como o estadista reconhecido pelos avanços sociais de seus dois governos.

“Meu otimismo não nasce do acaso, mas da experiência. Acredito que a humanidade tem jeito porque estou aqui hoje, neste Parlamento Europeu, reunido com representantes de países que em meados do século 20 eram inimigos ferozes no campo de batalha, numa das maiores carnificinas da história”, disse o ex-presidente.

Em todos os seus pronunciamentos – no Parlamento Europeu,

em encontros na Espanha e diante de acadêmicos e estudantes no Sciences Po, em Paris – Lula bateu no velho problema do planeta: a pobreza e a desigualdade.

“Não é possível sermos felizes em meio a tamanha desigualdade, que cresceu de forma inaceitável em plena pandemia. Os ricos ficaram muito mais ricos e os pobres, ainda mais pobres”, lamentou. “A desigualdade entre ricos e pobres manifesta-se até mesmo nos esforços para a redução das mudanças climáticas. O 1% mais rico da população do planeta vai ultrapassar em 30 vezes o limite necessário para evitar que um aumento da temperatura global ultrapasse a meta de 1,5°C até 2030”.

No périplo europeu, Lula ainda teve encontros importantes com organizações sindicais de trabalhadores. Na terça-feira, 16, Lula se reuniu com os trabalhadores espanhóis, representados pela confederações sindicais Confederación Sindical de Comisiones Obreras (CCOO) e Unión General de Trabajadores (UGT). Em Berlim, na semana anterior, ele também esteve com líderes de sindicatos alemães. •

lugar como líder global, pregando a harmonia entre os povos do planeta. “O futuro da humanidade deve ser construído no diálogo e no não autoritarismo, na paz e não na violência, com mais livros e não mais armas”, declarou em discurso na Sciences Po Paris.

O jornal francês *Le Monde* diz que a passagem de Lula pela Europa serviu para tranquilizar muitos observadores e diplomatas, entristecidos pelo colapso do Brasil no cenário internacional há três anos. Reportagem do diário *Libération* comparou a passagem de Lula por Paris ao de um astro de primeira grandeza do rock ou de um ator famoso.

“Na terça-feira, quando a noite acaba de cair na capital, os arredores do Sciences-Po Paris estão lotados e a segurança é fornecida por alguns homens de terno e gravata. Quanto ao hall de entrada, é difícil imaginá-lo mais cheio. É preciso acotovelar-se para avançar na longa fila que conduz às portas do anfiteatro Émile Boutmy, diante do qual se aglomeram jovens cuja média de idade mal passa

APOIO E RESPEITO

Com o ex-presidente da Espanha José Luiz Zapatero, que foi cicerone do ex-presidente na Bélgica e na Espanha. Amizade consolidada

Ricardo Stuckert





Ricardo Stuckert

ALERTA

"A desigualdade está na raiz de incontáveis mortes que acontecem ao redor do mundo. Inclusive quando o atestado informa como causa da morte a Covid"

safios globais não serão solucionados pelo sistema atual, criado após a Segunda Guerra Mundial. E convocou os líderes das nações a empreender a reconstrução das instituições internacionais sobre novas bases, propondo uma conferência mundial para definir uma nova governança global, justa e representativa.

"Nós precisamos ter coragem de dizer que precisamos de uma nova governança mundial, que a governança mundial criada depois da Segunda Guerra Mundial e nem suas instituições resolvem nossos problemas", afirmou, criticando atuação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e reafirmando a necessidade de ampliação do Conselho de Segurança da ONU, formado hoje apenas por Estados Unidos, Inglaterra, França, China e Rússia.

"Por que não outros países da Europa? Por que não da América Latina? Por que não da África? Qual a justificativa que tem para o país do tamanho da Índia não está no Conselho de Segurança? É preciso criar uma governança com mais gente e mais poder de tomar decisões", questionou.

Lula também falou dos riscos de as medidas propostas na Conferência Mundial para Mudanças Climáticas (COP26), realizada na Escócia, não serem efetivadas. "Porque não tem governança para obrigar, os Estados nacionais não cumprem", afirmou. Ele reiterou que é urgente colocar a desigualdade no centro do debate internacional. "É impensável a gente colocar a cabeça no travesseiro e dormir sem lembrar que tem gente na rua, dormindo no frio. O povo precisa de um pouco dinheiro", lembrou. •

"MUDAR O MUNDO NÃO PODE SER UM SONHO"

Lula defende enfrentamento urgente da desigualdade e da fome: "Não é possível imaginar a fome num planeta que produz mais alimentos que o povo necessita"

Em palestra proferida em Madri, na última quinta-feira, 18, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva defendeu a reconstrução do mundo, sobre os alicerces da igualdade, da fraternidade, do humanismo, dos valores democráticos e da justiça social. Ele participou do seminário "Cooperação multilateral e recuperação regional pós-Covid-19", na Casa América, na capital da Espanha.

"Mudar o mundo deve ser sempre a nossa profissão de fé, a própria razão para existirmos e nos lançarmos a uma luta árdua e permanente, da qual não poderemos jamais descansar", afirmou o ex-presidente do Brasil. Ele destacou que o mundo já estava doente antes de ser atingido pela pandemia da Covid 19.

A doença, segundo Lula, é o abismo social no mundo de ricos e pobres: "A desigualdade está na raiz de incontáveis mortes que

acontecem ao redor do mundo. Inclusive quando o atestado informa como causa da morte a Covid". Ele também lembrou de outro tema vergonhoso para a humanidade: a fome.

"Mesmo que sobrevivam à Covid, 800 milhões de pessoas hoje não conseguem escapar de outro terrível flagelo - a fome", denunciou o ex-presidente. "Não é possível imaginar a fome num planeta que produz mais alimentos que o povo necessita", declarou.

Lula lembrou que existem recursos, como se mostrou com o gasto de quase US\$ 2 trilhões para salvar o sistema financeiro durante a crise de 2008. "Infelizmente, não vemos a mesma generosidade quando se trata de salvar o planeta do aquecimento global, combater a crescente desigualdade e eliminar a miséria no mundo", afirmou. O ex-presidente foi aplaudido de pé.

Ele voltou a dizer que os de-

NO SCIENCES PO, LULA

LAMENTA: O MUNDO REGREDIU

“Não há como explicar às gerações futuras que em nosso tempo 1% da humanidade detém quase a metade da riqueza do planeta, enquanto 800 milhões de pessoas passam fome”, denuncia

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva alertou intelectuais e acadêmicos franceses que o mundo tem graves desafios pela frente, como a desigualdade, a miséria e a fome.

Na terça-feira, 16, ele proferiu uma palestra no Instituto de Estudos Políticos de Paris, a SciencesPo. Intitulado “Qual o lugar do Brasil no mundo de amanhã?”, o evento celebrou os dez anos do título Doutor Honoris Causa concedido pela instituição a Lula. O ex-presidente foi o primeiro latino-americano a receber o título da instituição, uma das mais respeitadas do mundo na área de ciência política e social.

“Os desafios fundamentais da humanidade continuam os mesmos. A urgência de enfrentá-los é que vai se tornando maior. Uma urgência agravada pela pandemia que segue devastando especialmente as populações dos países mais pobres, além daqueles cujos governos negaram a ciência ou, pior ainda, investiram na morte, como ocorreu no Brasil”, disse. “É duro, mas é necessário, admitir que na última década o mundo regrediu”.

“Não há como explicar às gerações futuras que em nosso tempo 1% da humanidade detém quase a metade da riqueza do planeta, enquanto 800 milhões de pessoas passam fome”, discursou. “Que uns poucos privilegiados viajam ao espaço por um capricho bilio-

Ricardo Stuckert



nário, enquanto milhões de famílias não têm sequer onde morar”.

Segundo o ex-presidente, não há justificativa para não taxar as transações financeiras globais e criar fundos de desenvolvimento e combate à pobreza. “É diante desses desafios que me convidam a falar sobre o papel do Brasil no futuro próximo. Apesar da gravíssima situação e de todos os retrocessos que foram impostos ao país e ao povo brasileiro nos anos recentes, quero trazer uma palavra de esperança”, disse.

“É inevitável comparar a posição que o Brasil havia alcançado nas relações internacionais com o isolamento entre as nações em que o país se encontra hoje. Isso não é fruto do acaso. É o resultado de uma disputa pelo poder que extrapolou os limites da Constitui-

ção e do respeito à democracia, até culminar no golpe do impeachment sem crime da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e tudo o que veio depois”, denunciou Lula.

“O objetivo indisfarçável do golpe era reverter o projeto de país soberano, voltado para o desenvolvimento econômico, social e ambientalmente sustentável, com geração de emprego e distribuição de renda para a imensa maioria historicamente excluída”, declarou.

Ele enumerou as inúmeras conquistas e os resultados das políticas públicas adotadas em seus dois governos e nas administrações de Dilma. “Ampliamos significativamente o investimento público em políticas sociais e de infraestrutura para o crescimento, reduzindo e controlando a infla-

La tournée réussie de « Lula » en Europe

Après des visites dans plusieurs capitales, l'ancien président brésilien a été reçu à l'Élysée

Tel un chef d'Etat en exercice, c'est ainsi que Luiz Inácio Lula da Silva, dit « Lula », a été reçu mercredi 17 novembre par Emmanuel Macron. Le leader charismatique de la gauche brésilienne a été accueilli avec tous les honneurs à l'Élysée: le président français n'a pas hésité à convoquer pour l'occasion la garde républicaine et à descendre les sept marches du perron afin d'accueillir chaleureusement son invité de marque.

Prévu pour durer une trentaine de minutes, l'entretien entre les deux hommes s'est étalé sur plus d'une heure. L'échange, décrit par l'Élysée comme « chaleureux » et de « haut niveau », a porté sur les tous les sujets: climat, Amazonie, Amérique latine, Europe, mondial-

ment être candidats l'an prochain à la présidentielle dans leurs pays respectifs et chacun devrait avoir face à lui un opposant d'extrême droite: Jair Bolsonaro au Brésil, et Eric Zemmour ou Marine Le Pen en France. En s'affichant ensemble, ils montrent qu'ils sont engagés dans un même combat pour la démocratie », souligne Hussein Kalout, professeur de relations internationales à l'université Harvard.

Le des « bolsonaristes »

Pour Emmanuel Macron, la rencontre fut également l'occasion révisé de solder ses vieux comptes avec Jair Bolsonaro. Le président français n'a jamais digéré les moqueries et les insultes lancées à son encontre (ainsi qu'à celui de son épouse) lors de la grave crise

gères, la relation entre Paris et Brasília demeure glaciale. L'accueil réservé à Lula a donc logiquement suscité l'ire des « bolsonaristes ». « La population française est mécontente et apprécie la démocratie. Elle ne se sentira pas représentée par un président qui rencontre un ancien condamné [en justice] et qui répand encore de plusieurs poursuites pour corruption », a réagi le député Carla Zambelli, proche du chef de l'Etat et président de la commission de l'environnement à la Chambre basse.

La voie semble pourtant dégauchie pour un retour au pouvoir du leader de la gauche. Après avoir passé cinq cent quatre-vingt jours derrière les barreaux, Lula a vu l'ensemble de ses condamnations en justice annulées en mars

Le contraste avec Jair Bolsonaro est saisissant. Au G20 de Rome, l'actuel président brésilien avait été superbement ignoré

mise, Jean-Luc Mélenchon. « Pour des raisons d'agenda, je n'ai pas pu rencontrer mon ami Sarkozy », s'est justifié Lula, précisant que l'ex-président français lui apportait tout son soutien.

Apparaître en leader global

le Brésil est bien meilleur que ce qu'il est actuellement », s'est-il justifié. A Berlin, Bruxelles, Paris et Madrid, il a tenu à signer sa place de leader global, prêchant – avec un ton parfois presque naïf – l'harmonie entre les peuples de la planète. « L'avenir de l'humanité doit se construire dans le dialogue et le non-utilitarisme, dans la paix et non dans la violence, avec plus de biens et non davantage d'armes », a-t-il ainsi déclaré lors d'un discours à Sciences Po Paris.

Mais derrière ces paroles en apparence candides se cachent en réalité, selon nombre d'experts, une stratégie réfléchie de longue date. « Lula prépare déjà sa présidence. Cette visite avait d'abord pour objectif d'attirer les chefs d'en-

'LE MONDE' SAÛDA: "PRESIDENTE FAZ SUCESSO EM TURNÊ PELA EUROPA"

Em reportagem publicada na sexta, 19, no alto da página 7, o jornal francês Le Monde saudou a viagem de Lula pela Europa, ressaltando que o ex-presidente foi saudado como um chefe de Estado em exercício pelo do cargo. "O carismático líder da esquerda brasileira foi recebido com todas as honras no Palácio

do Eliseu: o presidente francês não hesitou em convocar a Guarda Republicana para a ocasião e descer os sete degraus do palácio para receber calorosamente seu ilustre convidado", destacou. Programada para durar cerca de trinta minutos, a entrevista entre os dois homens durou mais de uma hora. "A conversa,

ção e a dívida pública", lembrou.

"O Brasil chegou a ser a sexta maior economia do mundo. Em 12 anos, criamos 20 milhões de empregos formais, elevamos em 74% o salário-mínimo e, graças a um conjunto de programas, dos quais o mais conhecido é o Bolsa Família, tiramos da miséria 36 milhões de pessoas. Em 2012, o Brasil saiu do Mapa da Fome da ONU", lembrou.

Lula ainda citou que os governos do PT criaram 18 universidades, com 178 novos campi e 422 escolas técnicas por todo o país. "O Estado criou ou passou a garantir o crédito educativo, ampliou a oferta de vagas e reservamos cotas para negros, indígenas e alunos de escolas públicas nas universidades", lembrou.

E apontou: "Foi dessa forma que reduzimos a desigualdade e ao mesmo tempo aprofundamos a democracia". Segundo Lula, "tudo isso aconteceu porque,

também pela primeira vez, colocamos os pobres e os trabalhadores no Orçamento da União, provando com isso que os pobres não são problema, mas sim a solução do país".

"Transformações dessa magnitude parecem intoleráveis para elites forjadas num processo histórico marcado pela violência apropriada das terras e das riquezas naturais, pelo genocídio dos indígenas e por mais de três séculos de escravidão de povos africanos", denunciou o ex-presidente. "O processo de destruição nacional em curso no Brasil só poderia ser conduzido por um governo antidemocrático, num país envenenado pela indústria das fake news e em que a oposição é excluída dos debates nos grandes meios de comunicação".

Citando a destruição das cadeias econômicas essenciais, como os setores de engenha-

qualificada pelo Eliseu como "calorosa" e "de alto nível", incidu sobre todos os assuntos: clima, Amazônia, América Latina, Europa, globalização...

Segundo o diário, para Macron, o encontro foi a oportunidade perfeita para acertar suas contas com Bolsonaro. "O presidente francês nunca digeriu as zombarias e os insultos lançados contra ele (e também contra sua esposa) durante a grave crise diplomática de agosto de 2019, que surgiu em meio a incêndios na Amazônia", lembrou o jornal.

"O caminho parece aberto para a volta ao poder do líder de esquerda. Depois de passar 580 dias atrás das grades, Lula viu todas as suas condenações judiciais anuladas em março", destaca a reportagem. "Mesmo que ele ainda não se tenha declarado oficialmente, é o grande favorito na próxima eleição presidencial, marcada para outubro de 2022 •

ria, óleo e gás, Lula lamentou a destruição da maior empresa do povo brasileiro: a Petrobrás. "Corroeram as finanças públicas e contrariamente ao que prometiam, minaram a confiança dos investidores. Transformaram o Brasil numa economia onde apenas especuladores e oportunistas obtêm benefícios", denunciou.

"O resultado é que em apenas cinco anos os trabalhadores perderam direitos fundamentais, o desemprego e o custo de vida explodiram, programas sociais foram abandonados ou descontinuados, incluindo o Bolsa Família. A fome voltou ao cotidiano das famílias", alertou.

"Por todos estes motivos, uma nova inserção do Brasil no cenário mundial passa, necessariamente, pela reconstrução do país, num processo de eleições democráticas e verdadeiramente livres, sem fake news diferentemente do que ocorreu em 2018", disse. •



“LULA É IMPORTANTE PARA O MUNDO”

Danilo Molina

Da Espanha, onde acompanha o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva em seu périplo pela Europa, o presidente da Fundação Perseu Abramo, Aloizio Mercadante, faz um balanço sobre a passagem do ex-mandatário pelo velho continente. Ele destaca a atuação de Lula como estadista e sua importância para o resgate da credibilidade do Brasil no mundo. “Lula está no rol das grandes heranças do Brasil e da política internacional. Ele é um estadista e é seguramente a mais importante liderança popular do planeta”, define Mercadante.

Focus Brasil - Qual a importância da viagem do ex-presidente Lula à Europa neste momento histórico em que o Brasil tem sua

imagem destroçada pela política externa de Bolsonaro?

Aloizio Mercadante – A viagem do presidente Lula acontece em momento muito importante da política internacional, porque estava acontecendo a reunião do G20 e a Cop26, em que o mundo discutiu a agenda da emergência climática e procurou pactuar compromissos, instrumentos e metas, em função do inquestionável processo de aquecimento, que está alterando o clima, gerando prejuízos e ameaçando o futuro do planeta. E, neste momento fundamental, o Brasil estava totalmente fora das discussões. O país de Bolsonaro é um pária no concerto das ações. A participação no G20 mostrou o tamanho do isolamento a que a política externa negacionista conduziu o Brasil. Sequer apareceu na reunião da Cop26.

– Mas, aí o Lula começa a

percorrer a Europa, certo?

– Em primeiro lugar, o presidente chega em Berlim, onde está se encerrando o ciclo de governo da Angela Merkel, da democracia cristã, que sempre teve boa relação com os nossos governos. Mas, a vitória do Olaf Scholz, do SPD, é uma grande novidade política. É o reconhecimento do desempenho de um ministro da Fazenda que teve papel decisivo no combate à pandemia, não apenas porque derrotou o negacionismo, mas que buscou construir uma política econômica anticíclica, que está desenhando um novo papel do Estado na retomada do crescimento econômico da Alemanha e da Europa.

Ele inclusive é um dos grandes responsáveis, junto com a vice-presidenta da Espanha, pelo programa “Nova Geração” da União Europeia, que é um programa de investimento de 750 bilhões de

euros. Pela primeira vez, a União Europeia aceita se endividar para fazer uma política anticíclica para investir na transição ambiental e ecológica, na transição digital com justiça social e, portanto, inaugurando um novo capítulo para os sete estados que compõem o bloco europeu.

– E como foi a conversa do presidente Lula com Scholz?

– Foi muito positiva. Discutiram os grandes temas da política internacional e da relação bilateral. Também o acordo comercial União Europeia-Mercosul, que foi formalizado, mas, não assinado. Há alguns temas em que ainda queremos fazer alguns ajustes, se o presidente Lula vencer as eleições e o tudo indica que isso vai ocorrer, principalmente para assegurar mais espaço para a indústria e para a reindustrialização do Brasil e dos países da região. De toda forma, com Bolsonaro é muito difícil prosperar esse acordo. Há uma imensa repulsa ao negacionismo climático e aos ataques à democracia e aos direitos humanos.

– O que mais você destacaria da passagem de vocês pela Alemanha?

– Tivemos uma conversa muito positiva com as centrais sindicais da Alemanha. Mas, destaco a reunião profunda com o Martin Schulz, que é presidente da Fundação Friedrich Ebert, que está muito presente na América Latina e no Brasil historicamente. Saímos de lá com um diálogo encaminhado para construção de um programa de trabalho e um projeto de cooperação entre o PT e o SPD e entre a Fundação Perseu Abramo e a Fundação Friedrich Ebert para debater os grandes temas da relação bilateral Brasil-Alemanha. Também para buscar as boas práticas de políticas públicas e as inovações que podem contribuir para a

elaboração de um programa de governo.

– Da Alemanha, vocês foram para a Bélgica...

– Lá, tivemos reunião com o ministro de relações Exteriores da União Europeia para discutir a relação com a América Latina e, depois, com a mesa do Parlamento Europeu, com o bloco dos partidos progressistas e democráticos e socialistas e democráticos. Ainda, com a Fundação do Partido Socialista Europeu, com o qual estabelecemos o mesmo tipo de

LULA É, TALVEZ, UM DOS LÍDERES POLÍTICOS MAIS CONHECIDOS NO MUNDO E BEM AVALIADO NO COMBATE À POBREZA, NA INCLUSÃO SOCIAL

parceria. Ali, formalizamos também um trabalho em conjunto com o Partido Socialista Português e a Fundação do Partido Socialista Português. Eles estarão em eleições até ao final de janeiro e estão no processo de elaboração de programa de governo, discutindo todos os temas do desemprego, da imigração, do aquecimento global, da saúde, da educação, do desenvolvimento, do papel do Estado, enfim, temas que nos interessa aprofundar e trocar. A mes-

ma parceria estamos fazendo com o PSOE e a Fundação do PSOE e com o Podemos e com a Fundação do Podemos. Na Espanha, tive também uma excelente conversa com Juan Carlos Monedero, que é uma dos líderes do Podemos.

– Mas, o que repercutiu com mais força aqui no Brasil foi o discurso no Parlamento Europeu.

– O presidente fez um pronunciamento que foi divulgado no Brasil e aclamado pelo Parlamento Europeu. O sentimento geral de todas as conversas bilaterais, ficou muito claro, que Lula não é importante só para o Brasil, mas importante para o planeta. É, talvez, um dos líderes políticos populares mais conhecidos no mundo e mais bem avaliado pelas extraordinárias realizações de seu governo, no combate à pobreza, na inclusão social, mas também pelas iniciativas de política externa, como o fortalecimento do Mercosul, da Unasul, da Celac, a constituição dos BRICS e o IBAS.

– E como foi o encontro com o ganhador do prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz.

– Ainda em Bruxelas nos reunimos com ele. O Stiglitz tem uma visão muito crítica ao neoliberalismo e tratamos da superação desse modelo já ultrapassado, que exige, necessariamente, o fortalecimento do Estado e a ação do Estado como grande indutor da economia. Esse conceito já vem sendo bem aceito na Europa, mas ainda sofre forte resistência da elite conservadora do Brasil. Ficou acertada uma ida do Stiglitz ao Brasil para aprofundarmos esse debate.

– E a agenda na França?

– Lula esteve com Jean-Luc Mélenchon, que é o candidato da França Insubmissa, e esteve com a Anne Hidalgo, que é a prefeita de Paris e também candidata à Presidência. Eles discutiram pelo campo da esquerda chamando

a atenção para a importância de uma aliança dos progressistas. Isso porque há dois candidatos da extrema direita, a Marie Le Pen e o Éric Zemmour, com discurso nacionalista e contra a imigração.

São mesmas teses do Vox, na Espanha, e no Brasil com Bolsonaro. Ou seja, é a mesma matriz do trumpismo, da propagação de fake news e do ódio, rompendo todos os consensos democráticos, atacando a política da igualdade das mulheres e os direitos das mulheres e promovendo o racismo, a homofobia, a discriminação e a agressão aos direitos humanos. Então, é um esforço imenso que as forças progressistas têm pela frente para avançar na luta contra a extrema direita.

Nesse ponto, na Europa há um movimento de avanço das forças progressistas. Não só a Alemanha, com uma mudança muito importante na região, temos que aguardar ainda as eleições na França, mas todos os países nórdicos são, hoje, governados por progressistas e sociais-democratas. Na península ibérica, na Espanha já há um governo consolidado e em Portugal vamos ter uma nova eleição, mas com grande chance de repetir o modelo e continuar com um governo progressista.

Mas, é importante dizer ainda que Lula recebeu o prêmio da revista internacional mais importante da França, em uma cerimônia em que estavam todos os empresários importantes daquele país, mais de 150 pessoas.

– E o encontro de Lula com o presidente Emmanuel Macron?

– Macron tratou Lula como chefe de Estado, com honras de chefe de Estado, com toda a tropa perfilada e tivemos uma conversa de 1h20 muito aprofundada, muito importante, tratando de temas como o aquecimento global. E o Lula colocou como agenda prioritária novamente o combate à

fome, que atingiu 811 bilhões de pessoas no mundo, o enfrentamento da desigualdade e a busca de novas formas de financiamento para combater o aquecimento da emergência climática, mas de forma associada ao combate da fome e da pobreza do mundo.

– Por fim, vocês tiveram uma agenda importante na Espanha.

– Tivemos uma conversa extraordinária de 1h30 com Pedro Sánchez, discutindo a fundo a questão da relação Europa- América Latina. A Espanha tem um olhar muito

ELE RECEBEU O PRÊMIO DA REVISTA MAIS IMPORTANTE DA FRANÇA, EM UMA CERIMÔNIA COM OS EMPRESÁRIOS IMPORTANTES DAQUELE PAÍS

especial para América Latina e é um país muito importante para o Brasil, sendo o segundo país que mais investe no país, só é superado pelos Estados Unidos. Lula também esteve com as centrais sindicais da Espanha discutindo a precarização do mundo do trabalho e o desafio da nova da indústria 4.0 em relação ao emprego e o problema da imigração. Foi uma discussão muito rica. Não poderia deixar de mencionar que, ainda em Bruxelas, estivemos com

o ex-primeiro-ministro espanhol Zapatero, com quem temos uma relação extraordinária.

– E qual sentimento você traz dessa viagem?

– Sem dúvidas, Lula trouxe o Brasil de volta, trouxe a esperança novamente. Ele está mostrando que é possível o brasileiro voltar a sentir orgulho do país e voltar a ser respeitado no concerto das nações, em um tempo de grandes desafios, como é a reconstrução das economias no pós-pandemia. O mundo precisa de estadistas. Como o Lula tem reforçado em todas as conversas, o mundo precisa de uma nova governança mundial. Lula está defendendo uma conferência específica para discutir uma governança para poder tratar das grandes questões do planeta, um programa de renda básica universal, o combate à emergência climática e combate à fome. O estadista voltou, a esperança voltou e a sensação que a gente percebe aqui, em todas as conversas com empresários, com trabalhadores, com presidentes da República, com parlamentares, com dirigentes partidários, é que vitória de Lula nas eleições seria o melhor para o Brasil e o mundo.

– E que patamar da história está o presidente Lula?

– Ser testemunha de um processo como esse e presenciar tudo o que estamos vivendo aqui na Europa é muito forte, muito intenso, porque o Lula realmente é um patrimônio. A história de vida dele é uma coisa tão diferente. Como disse o Zapatero publicamente, ninguém fala da fome como Lula, porque quando ele coloca isso na agenda internacional, é o único líder mundial que passou por isso. Lula está no rol das grandes heranças do Brasil e da política internacional. Ele é um estadista e é seguramente a mais importante liderança popular do planeta. •



Ricardo Stuckert

ACLAMADO POR TODOS NA EUROPA, **LULA VEM AÍ**

Líder nas pesquisas, o ex-presidente é esquecido pela grande mídia. Não adianta. Segundo a Quaest, ele tem 56% no primeiro turno, e 30 pontos de vantagem para Bolsonaro em um eventual segundo turno

Matheus Tancredo Toledo

Dois temas conjunturais mantêm relação direta com os dados de pesquisas mais recentes. Por um lado, o contraste entre o desempenho do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nos cenários eleitorais e sua potente agenda de reuni-

ões com líderes europeus com a cobertura dada pela imprensa brasileira. De outro, as dificuldades que Jair Bolsonaro (sem partido) enfrenta na tentativa de se reeleger presidente.

Nos últimos dias, Lula foi aplaudido de pé no parlamento europeu, foi recebido com pompas e louvor pelo presidente francês Emmanuel Macron e debateu os principais temas globais da con-

temporaneidade – desigualdade, fome, crise climática e desenvolvimento – com líderes das grandes potências europeias em momento pós-Cop26 e G20.

Nos últimos meses, ressaltamos aqui em artigos e boletins que o ex-presidente é líder absoluto das pesquisas, com diversos levantamentos indicando possível vitória dele ainda no primeiro turno. Ele é, ainda,

o candidato com maior possibilidade de derrotar o nefasto governo antidemocrático e negacionista de Jair Bolsonaro nas urnas. Mas sua força não se limita apenas a esse fator. Lula venceria todos os outros candidatos em segundo turno e não depende de Bolsonaro para ter força eleitoral.

De acordo com a última pesquisa Quaest, Lula tem 56% dos votos válidos no cenário de primeiro turno e 30 pontos percentuais de vantagem para o atual presidente em uma possível disputa de segundo turno. Já a Vox Populi aponta que Lula mantém o patamar entre 44% e 45% dos votos totais tanto em simulação de primeiro turno com Bolsonaro, quanto na simulação que exclui o atual mandatário. Neste caso, seus votos se dispersariam entre outros candidatos, como Sergio Moro, e votos em branco ou nulos e indecisos.

Todos esses aspectos não foram suficientes, no entanto, para que a agenda diplomática de Lula ganhasse o merecido destaque no noticiário nacional. Alguns poucos comentários quase tímidos se viram nos canais fechados de notícias e na mídia impressa.

O fato destoa da cobertura in loco das prévias do PSDB – partido que obteve apenas 4% dos votos nas eleições de 2018 e pontua nesse mesmo patamar nas pesquisas mais recentes. Segundo a Quaest, João Dória tem 2% das intenções de voto e Eduardo Leite vem com 1% nos respectivos cenários que testam os nomes tucanos. Notamos, também, a diferença da cobertura jornalística da possível candidatura de Sérgio Moro à Presidência da República em capas de jornais, revistas e em longas matérias na TV aberta, para

além de debates exaustivos nos canais fechados.

Os obstáculos para Bolsonaro

Os dados levantados pelas pesquisas e a própria conjuntura econômica trazem muitas dificuldades para o atual presidente na busca por sua reeleição. Para além da momentânea ausência de filiação partidária – que pode se resolver a qualquer momento com a possível

A BAIXA POPULARIDADE DE BOLSONARO É FRUTO DA CRISE ECONÔMICA E SOCIAL, COM AUMENTO DA MISÉRIA, DA FOME E DO DESEMPREGO

entrada do clã Bolsonaro em algum partido do chamado Centrão, o presidente terá que reverter a baixa popularidade de seu governo e o desastre econômico que assola o Brasil.

De acordo com os últimos levantamentos – destacados nos recentes artigos para a Focus Brasil –, a economia torna-se o principal problema para os brasileiros à medida que a vacinação avança e o temor com a pandemia regride.

Segundo o levantamento da Quaest, 48% dos brasileiros consideram que o principal problema do Brasil é econômico, 17% veem a pandemia e a saúde como grandes problemas e 13% enxergam problemas sociais como principais – a maior parte menciona a fome e a miséria. A aprovação de Bolsonaro está em um patamar por volta de um quinto da população, enquanto a reprovação a seu governo chega a 56%.

Do ponto de vista das intenções de voto, nas simulações de primeiro turno, Bolsonaro alcança números parecidos com sua aprovação de 21%. Além de estar muito atrás de Lula, ele passa a sofrer com outra concorrência, Sérgio Moro. A entrada do ex-ministro da Justiça nas simulações eleitorais causou uma queda de 5 pontos percentuais na intenção de voto a Bolsonaro. O ex-juiz tende a disputar o mesmo eleitorado que seu ex-chefe.

O governo parece saber de tais limitações e aposta em mecanismos obscuros de troca de apoio parlamentar por parcelas dos recursos orçamentários, as tais emendas do Orçamento Secreto. Tenta, com elas, garantir apoio eleitoral de parlamentares em suas bases regionais. Procura, ainda, emplacar um auxílio temporário substituto ao sólido e internacionalmente reconhecido Programa Bolsa Família, uma marca própria visando recuperar apoio de parcela da base da pirâmide, como fez com o auxílio emergencial em meados de 2020. •

Cientista político com mestrado na PUC-SP, é analista do Núcleo de Opinião Pública, Pesquisas e Estudos (Noppe), da Fundação Perseu Abramo.

“O RESULTADO DA COP26 FOI TÍMIDO, MAS É MELHOR DO QUE NADA”

Reprodução

Pedro Camarão

A Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas realizada em Glasgow, na Escócia, a Cop26, teve um resultado muito aquém das expectativas de ativistas, ambientalistas, indígenas e de movimentos sociais. Mas o saldo para o mundo é positivo, de acordo com o senador Jaques Wagner (PT-BA), presidente da Comissão de Meio Ambiente do Senado Federal. Ele esteve na Cop26 e afirma que há uma movimentação cada vez mais forte da sociedade civil e de grande parte do empresariado, mas dificilmente

te o compromisso de restringir o aquecimento global a 1,5°C será cumprido.

Focus Brasil – O senhor esteve na Cop26, pode contar um pouco sobre o tamanho dessa conferência?

Jaques Wagner – Primeiro, é importante explicar que existem as delegações oficiais negociando e é disso que sai o resultado. Essas delegações são formadas pelos países. Eu fui para lá como parte, porque chama-se conferência das partes, e eu sou parte porque eu fui representante do Brasil, mas não delegado do Brasil, assim como a sociedade civil organizada, os indígenas, a juventude.

Tinha muita gente. Chego a comparar com um grande festival do meio ambiente. Então, tem a parte oficial que está acontecendo a portas fechadas, que são os diplomatas, os responsáveis pela área ambiental de cada país, fazendo a tentativa de chegar a algum acordo, eu não diria nem consenso. E a parte que é uma espécie de Fórum Social Mundial ambiental. Porque tem a sociedade civil toda, a juventude... é uma coisa muito bonita. Eu fiquei lá do dia 1º ao dia 9 e só se respira meio ambiente, movimentação, contestação, duas grandes marchas. Uma que sempre teve que é a oficial e a outra puxada pela Greta Thunberg. Então, é uma coisa que fervilha.

Então, eu queria separar em dois aspectos: a movimentação da sociedade civil, da juventude, dos intelectuais, das academias, para mim é uma coisa fantástica. Respirando muita esperança, compromisso e responsabilidade com o futuro do planeta. Lá, nós lançamos o Observatório Parlamentar do Clima e da Transição Justa, que é uma iniciativa nossa, da Comissão de Meio Ambiente junto com a CEPAL [Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe].

– E qual é a sua perspectiva sobre o desfecho das negociações oficiais?

– Eu diria que ela foi menos ruim do que a gente podia imaginar. Inclusive na posição brasileira porque saiu do discurso ideológico e voltou para a mesa de negociação. Então, esse é um dado positivo. Mas o Brasil gera uma tremenda desconfiança. Principalmente, porque o presidente da República... acaba a Cop, o Itamaraty, eu diria que fez um esforço de retornar ao leito natural, de ser parte das negociações ao invés de ficar fazendo discurso ideológico do “passa a boiada”... Aí, ele vai lá para o Bahrein e dá aquela declaração de que a Amazônia não pega fogo, que é invenção do Inpe. Então, ele é o tipo do cara que alguém enche o balde de leite e quando ele vê que está cheio, dá uma patada, um coice e o derruba. Então, ele consegue fazer isso. Destruir constantemente a imagem do Brasil lá fora que já está totalmente detonada.

Então, há uma frustração em relação aos países mais desenvolvidos em dois aspectos: não houve o compromisso total da extinção do carvão e também não houve uma coisa que os países do Hemisfério Sul, que é onde tem ainda floresta tropical, reivindicam que é dizer o

quê? É eles assumirem que, historicamente, não na fotografia de hoje. No acúmulo dos danos ao clima e à camada de ozônio e ao planeta, eles têm um estoque muito maior do que os países em desenvolvimento e que, portanto, eles deveriam aportar um volume grande de dinheiro – que nem os US\$ 100 bilhões prometidos lá atrás chegaram. Então, eles tinham que aportar para poder ajudar esses países, para que se desenvolvam preservando ao invés de se desenvolverem destruindo, como foi o desenvolvimento a partir da revolução industrial. Então, houve essa frustração. Houve de certa forma também uma frustração porque não foram ambiciosos na minha opinião, apesar de todo mundo falar de ambição.

Eu acho que com o que foi assinado a gente não vai conseguir segurar o aquecimento do planeta em 1,5°C. Então, eles foram pobres nesse aspecto. Agora, de qualquer forma, é uma tomada de consciência, é um passo tímido. O que eu acho importante é que na agenda empresarial, de todos os setores, eu diria que a agenda verde é uma agenda que está introduzida e não vai sair mais. As pessoas sabem, inclusive, para os seus negócios que se não abraçaram a agenda verde, não vão para lugar nenhum. Houve o compromisso do desmatamento zero. Aí você me pergunta, é bom? É bom se for verdade.

– Aqui no Brasil está muito longe de ser verdade.

– Pois é. Porque, inclusive, no mês passado foi o maior volume de queimada de florestas na Amazônia dos últimos anos. Então, o que eu quero dizer é o seguinte, a proclamação é um avanço mesmo que tímido. A mudança de postura do Brasil na negociação, também. Agora, vamos ver se é à vera ou se foi só pro-

clamação para ultrapassar a Cop. Agora, eu acho que a cada dia você ganha aliados, por isso que eu estou dizendo. Tem muitos fundos que falam em investimentos não reembolsáveis, o que eu acho importante. Cresceu muito o protagonismo, principalmente aqui no Brasil, subnacional. A presença de governadores, do governador Renato Casagrande (ES) que hoje dirige o Fórum dos Governadores Pelo Clima, é uma coisa importante. Despertou nos investidores internacionais esse caminho alternativo se o governo federal continuar fechado para esse tema, há um caminho via os entes subnacionais. Eu acho que isso é um crescimento. É tímido? É aquém? É. Mas eu prefiro dizer que é menos ruim do que alguns achavam que podia ser.

– Enquanto o Bolsonaro fala bobagens na Amazônia, o ex-presidente Lula viaja pela Europa e discute como implementar uma agenda de combate à desigualdade e que respeite o meio ambiente. A volta do Lula é um avanço para o meio ambiente e para agenda verde no mundo?

– Eu resumiria no seguinte: um país para avançar, precisa de uma liderança que tenha proposta e credibilidade. Essa é a diferença fundamental daquele rapaz para o Lula. O rapaz não tem proposta nem credibilidade. O Lula tem muita credibilidade e muita proposta para o Brasil, então, sem dúvida nenhuma, ele faz um bem enorme ao Brasil com essa circulação que ele fez. Eu diria que é um tapa na cara, é uma aula para aqueles que têm preconceito dentro do Brasil. Ele foi recebido em todos os países com pompa e circunstância. Na França, o próprio Champs-Élysée fez questão de publicar antes do encontro, algo que não é muito comum, o anúncio do encontro e os temas que seriam tratados. •

20 DE NOVEMBRO: MEMÓRIA VIVA DA RESISTÊNCIA

A construção política do Dia Nacional da Consciência Negra, hoje feriado nacional em alguns municípios brasileiros, tem um sentido especial. A existência do racismo, no Brasil, revela-nos o quanto a consciência política é atravessada pela branquitude



Nilma Lino Gomesc *
Martvs das Chagas **

De onde vem a força dos negros e das negras brasileiros, que apesar de terem suas vidas ameaçadas cotidianamente pelo racismo, pela pobreza, pelas desigualdades e violências, persistem com altivez e orgulho e são capazes de reeducar a sociedade, o Estado e a esquerda brasileira sobre a urgência do antirracismo?

Aprendemos com o Movimento Negro que essa força vem da ancestralidade africana. Das mulheres e homens negros escravizados e trazidos à força da África para o Brasil. E que nunca perderam a sua dignidade. Resistiram e lutaram.

Foi o movimento negro, em especial, o Grupo Palmares, no Rio Grande do Sul, que em 1971 idealizou e propôs o dia 20 de novembro, data a morte de Zumbi, como Dia da Consciência Negra. Essa foi a forma encontrada por aquele grupo de valorizar o papel dos negros e das negras na sociedade e denunciar o racismo. A proposta era criar uma data comemorativa que confrontasse o 13 de Maio, considerado como dia da abolição da escravatura.

O Quilombo de Palmares é um símbolo de resistência contra a escravidão no Brasil. Foi o maior quilombo da América Latina. Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, Aquatune, sua avó, Dandara, sua companheira



e Acotirene, matriarca e líder palmarina, são exemplos de força vital.

O Movimento Negro do passado e do presente, nas suas mais diferentes formas de organização e estratégias de luta contra o racismo, no Brasil, representa simboliza a continuidade de Palmares.

O Brasil deve a população negra brasileira o fato de ter aprendido que é preciso combater e superar o racismo. E o Partido dos Trabalhadores

e das Trabalhadoras (PT) deve aos militantes negros e negras que nele atuam, o debate sobre a presença negra nos espaços de poder e de decisão no partido e nos governos por ele liderados.

É importante destacar que a

**O BRASIL DEVE
À POPULAÇÃO
NEGRA BRASILEIRA
O FATO DE TER
APRENDIDO
QUE É PRECISO
COMBATER E
SUPERAR O
RACISMO**

criação da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial nos governos do PT e a implantação de diversas políticas públicas voltadas para a população negra teve a participação efetiva da militância de negros e negras do PT.

A atuação da militância negra petista tem possibilitado um aumento paulatino da consciência antirracista dentro do próprio PT e de outros setores da esquerda, negros e não negros.

Nos momentos de pós-golpe de 2016, com ascensão da extrema direita ao Executivo Federal, em 2018, e a escalada de destruição dos direitos, das pautas raciais, de gênero, LGBTQUIA+, da juventude, da assistência, da previdência, da ciência e tecnologia, da educação, da cultura e dos direitos humanos é visível que o discurso antirracista vem ocupando um outro lugar no partido.

Líderes partidários importantes que antes sequer mencionavam o racismo estrutural e estruturante das relações sociais e de poder brasileiras passaram a assumir essa reflexão em seus discursos. O desafio está em fazer desse reconhecimento parte da nossa práxis.

Esse aumento da consciência antirracista tem crescido à medida em que também se acirra o racismo em tempos de neofascismo. E nunca podemos nos esquecer da ação do movimento negro nesse processo, bem como a sua presença histórica como inspirador e construtor das lutas antirracistas na sociedade brasileira.

Por tudo isso, queremos destacar a importância do dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra e a ampliação do debate público

e político sobre o combate ao racismo para todo o mês de novembro.

Reconhecemos que o debate não se reduz a uma única data ou mês. Mas é preciso entender que a construção política do Dia Nacional da Consciência Negra, hoje feriado nacional em alguns municípios brasileiros, tem um sentido especial.

A existência do racismo, no Brasil, revela-nos o quanto a consciência política do brasileiro e da brasileira é atravessada pela branquitude e pelo racismo. Ela precisa ser politizada e reeducada na compreensão de que o combate ao racismo é um dever ético, cidadão e político de todas as pessoas independentemente do seu pertencimento étnico-racial, classe social, religião, idade, gênero e orientação sexual.

Esse aumento de conscientização política não se faz apenas com discursos. É preciso construir práticas antirracistas, políticas de igualdade racial, programas e projetos de ações afirmativas. E é preciso coibir o racismo, de fato, com a aplicação justa das leis antirracistas já existentes.

Se no passado, africanos e africanas escravizados e seus descendentes foram o motor da economia da colônia, com seus

É PRECISO CONSTRUIR PRÁTICAS ANTIRRACISTAS, POLÍTICAS DE IGUALDADE RACIAL E PROGRAMAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS

braços, seu trabalho, sua vida, hoje, a situação não é diferente.

O dia 20 de novembro instaura-nos a continuar indagando: quais são os lugares ocupados pelos negros e as negras na economia do nosso país? Eles e elas continuam sendo um dos motores dessa economia, mas ainda são os braços trabalhadores explorados pelo capitalismo, os corpos negros assassinados pelo racismo.

Reconstruir e transformar o Brasil implica que todo e qual-

quer projeto e proposta democráticos do PT e do campo da esquerda precisam incorporar políticas e práticas antirracistas.

Urge que o debate político sobre o antirracismo no campo da esquerda avance para uma práxis antirracista e que possamos discutir e agir para mudar afirmativamente o lugar ocupado pelas negras e negros no PT, principalmente quando se aproximam as eleições de 2022.

As discussões aqui realizadas extrapolam a discussão sobre o 20 de novembro, mas estão no seu núcleo de reivindicação política. Por isso, ele continuará sendo um dos principais momentos de reconhecimento e visibilização da força, da resistência negra e da luta antirracista. •

* Professora titular emérita da UFMG, é integrante do Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo e coordenadora do NAPP de Igualdade Racial da FPA.

Exerceu os cargos de ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos no governo da presidenta Dilma Rousseff.

** Sociólogo, secretário de Planejamento do Território e Participação Popular (SEPPOP) da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (MG), é secretário Nacional de Combate ao Racismo do PT. Exerceu os cargos de Secretário Nacional de Ações Afirmativas e de Ministro de Promoção da Igualdade Racial na gestão do presidente Lula.

FORA, BOLSONARO RACISTA: O POVO VAI ÀS RUAS

No sábado, 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, o povo vai às ruas em defesa dos direitos da população negra do país, da igualdade racial e contra os retrocessos do governo de Jair Bolsonaro. As manifestações, que acontecem em todo o país e no exterior, foram organizadas por entidades sindicais e movimentos populares como Convergência Negra, Coalizão Negra por Direitos e as frentes

Brasil Popular e Povo Sem Medo.

A Campanha Nacional #ForaBolsonaro destacou em nota que a data celebra “os feitos de Zumbi dos Palmares e a luta do povo negro contra a escravidão, o racismo e a marginalização social, econômica e política”.

“Este dia 20 de novembro, de ‘Fora, Bolsonaro Racista’, unifica todas as pautas. Quando se fala de todas as mazelas causadas por

esse governo e que foram aprofundadas pela pandemia, fala-se do impacto à população negra que é a mais afetada”, afirma a secretária de Combate ao Racismo da CUT, Anatalina Lourenço.

Ela denuncia todas as investidas de Bolsonaro para retirar direitos, cortes de recursos públicos para áreas essenciais, como saúde e educação, além das reformas da previdência e trabalhista. •

VISTO PRETO, POR DENTRO E POR FORA, COMO ME ENSINARAM OS RACIONAIS

No aniversário de 50 anos do Dia da Consciência Negra, a juventude protagoniza o começo do fim da barbárie

Nádia Garcia

Vivemos sob a mira da face mais odiosa do racismo: um governo fascista, que decreta como



principal inimigo a juventude negra. Quem se importaria com a morte de mais um jovem negro quando morrem 64 deles todos os dias? O silenciamento social e governamental sobre essas mortes desnuda o acordo entre o racismo e um governo que o incentiva.

Um projeto de política de morte está instalado no Palácio do Planalto, personalizado na pessoa de Jair Messias Bolsonaro. Somos um país que passa fome. São 13,7 milhões de desempregados e a insegurança alimentar grave chega a 20,6% dos lares brasileiros com jovens até 17 anos em dezembro de 2020, segundo estudo da Universidade Livre de Berlim. Nos governos petistas, com programas como o Bolsa Família e Fome Zero, o Brasil saiu do mapa da fome e acreditávamos ser uma pauta vencida.

Agora, neste novembro negro, o Bolsa Família foi destruído, teve sua última parcela paga no final de outubro e uma cópia mal feita vai tomar seu lugar.

No ano que marca os 50 anos da criação do Dia da Consciência

Negra e os 20 anos da Conferência de Durban – Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância –, a juventude negra se soma aos atos da campanha

Fora Bolsonaro nas ruas.

Será um 20 de novembro com um misto de sentimentos diferentes: a tristeza de ver os seus padecerem na violência que é ser negro e pobre no Brasil e a felicidade em, juntos dos nossos, ocupar as ruas numa marcha negra e corajosa que emocionaria até o mais forte dos nossos ancestrais.

O povo preto toma as ruas em mais de 80 atos espalhados por todo o país na luta contra a violência policial que leva 80% mais jovens negros que brancos. E contra a fome que faz com que mães pretas se humilhem revirando caminhões de lixo nos bairros elitistas de Fortaleza.

Ou contra o desespero que leva jovens negros a evadir das escolas e universidades e se renderem à uberização de nossos corpos em troca de uma chance de alimentar a família sem precisar entrar pro tráfico que bate as nossas portas todos os dias.

E mesmo contra o desejo sanguinário do governo fede-

ral em encerrar o programa de cotas nas universidades, porque um negro que não estuda não corre o risco de estar entre o sucesso e a lama, a única realidade será o drama e a terra molhada na volta pra quebrada toda noite.

Seremos nós, a juventude negra que, segundo Eliane Brum, foi a responsável pelo rompimento drástico da burguesia com o projeto social do PT de construção de um Brasil mais igualitário – quando começamos a ocupar os shoppings com nossos rolezinhos em 2013, assustando as madames que jamais imaginavam um dia ver seu playground particular lotado de pretos e pretas cantando funk e entoando em alto e bom som “Negro Drama”, do Racionais, com orgulho e peito cheio, e consumindo de suas marcas importadas.

Seremos nós a alavanca que consagra a queda do fascismo brasileiro.

No cinquentenário do Dia da Consulta Negra, a juventude negra, com a licença de chegar dada pelos nosso mais velhos, ocupa as ruas dando início ao BASTA na realidade que o Golpe de 2016 trouxe de volta ao país, mas que aniquilaremos de uma vez por todas, junto com o governo Bolsonaro racista e genocida. •

Jornalista, é coordenadora nacional LGBT e de Combate ao Racismo da Juventude do PT.



Olimpio

RACISMO POLICIAL: ENTRE O PROTESTO E AS PROPOSTAS

Em novembro deste ano, a morte de Alberto Freitas, asfixiado em um supermercado do Carrefour, em Porto Alegre, completará um ano. Seu assassinato ocorreu quando a onda *Black Lives Matter* havia varrido o planeta. É preciso transformar urgentemente o sistema judicial que normaliza as mortes produzidas pela polícia

Paulo Ramos

Desde que o movimento *Black Lives Matter* tomou as ruas das principais cidades do mundo para denunciar



a morte de George Floyd, em 26 de maio de 2020, em Minneapolis, muita coisa mudou no debate racial no mundo e também no Brasil. Um dos principais pontos é que o entendimento de que não se pode falar de violência policial e de segurança pública sem considerar o passado e o presente de discriminação racial.

Pelo mundo, parece ter havido uma mudança de sensibilidade quanto à importância de combater o racismo, e um novo termo parece ganhar os meios de comunicação e o debate público, o antirracismo. Este termo parece vir para designar duas coisas: a primeira é a ideia de que não basta não ser racista, é preciso ter uma postura ativa contra o racismo. A outra é que, isso posto, brancos também podem e, no limite, devem agir contra o racismo.

A veiculação desta ideia atraiu novas instituições da mídia, as grandes empresas de comunicação passaram a inserir mais jornalistas e comentaristas em posições-chave, mudança de conselhos editoriais com mais pessoas negras; organizações de investimento social privado passaram a criar linhas de suporte para projetos na questão racial, entre outros.

Esta sensibilização, que ocorreu de fora para dentro, já existia anteriormente, de dentro para fora, anos atrás, quando do assassinato de Marielle Franco. A morte da vereadora do Partido Socialismo e Liberdade (Psol) causou revolta e sensibilidade em grande parcela da sociedade brasileira e sua figura ficou internacionalmen-

te conhecida.

Ainda sem estar vinculada diretamente à violência policial, ainda que houvesse policiais envolvidos em sua morte, a dimensão da injustiça contra ela cometida contornou seu drama em linhas

de classe, raça, gênero e território, e as mulheres negras foram as grandes enunciativas de sua politização.

Em novembro deste ano, a morte de Alberto Freitas comple-

É PRECISO IMPEDIR QUE POLICIAIS SE APROXIMEM DE PESSOAS NEGRAS, POIS CHEGAM PERTO DELAS PARA PRODUZIR VIOLÊNCIA E INSEGURANÇA

tará um ano, assassinado quando a onda *Black Lives Matter* não havia passado. Como no Brasil já havia uma rede de mobilização contra a violência policial que se formou há mais de dez anos, houve tempo para que o movimento negro brasileiro se reconfigurasse mediante a necessidade da resposta.

Alberto Freitas não foi morto por uma força oficialmente policial, mas o modo como sua morte aconteceu revela o quanto esta sociedade está militarizada. Um

dos participantes da “operação” de que ele foi vítima era um membro temporário da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, e o modo como os agentes o mataram reproduziu as técnicas que levaram à morte George Floyd – policial ajoelhando sobre seu pescoço e produzindo sufocamento.

Portanto, não foram apenas as ondas do BLM que vieram para o Brasil. As técnicas de morte também. No início do mês de novembro, policiais voltaram a aplicar as técnicas de matar negros, desta vez contra uma mulher, no interior de Minas Gerais.

Os ventos de protesto e repressão ventaram por aqui, contudo, pouco ainda se avançou na formulação de como acabar com a violência produzida pela polícia. Trata-se de um problema que todos concordam que existe, mas quando as poucas propostas de mudança das polícias surgem, costumam-se ouvir avaliações que as tomam como absurdas – como se o absurdo maior não fossem as mortes e a brutalidade.

É preciso transformar urgentemente o sistema judicial que normaliza as mortes produzidas pela polícia, quando absolvem até mesmo policiais que confessaram execuções. Jovens negros levados ao sistema de justiça são considerados suspeitos e não gozam da presunção da inocência, mas de presunção de culpa. É preciso impedir que policiais se aproximem de pessoas negras, pois, via de regra, chegam perto de pessoas negras para produzir violência e insegurança.

Podem ser consideradas ideias absurdas, mas para mudar a realidade é necessário romper com expectativas de realidade nas quais, curiosamente, normalizamos o absurdo cotidiano de mortes. •

Sociólogo, é coordenador do projeto Reconexão Periferias e autor do livro “Contrariando a Estatística – Genocídio, Juventude Negra e Participação Política”.



Olimpio

30 MILHÕES DE BRASILEIROS FORA DO AUXÍLIO BRASIL

Governo inicia pagamento do Auxílio Brasil, com desembolsos de R\$ 224,41 por família, bem inferior ao prometido pelo governo. Mas o PT quer colocar programa de renda permanente na Constituição

Danilo Molina

Após acabar com o Bolsa Família, o governo Bolsonaro começou a pagar, na quinta-feira, 17, o Auxílio Brasil, com um valor médio de R\$ 224,41 por famí-

lia. Um montante bem inferior aos R\$ 400 prometidos pelo presidente Jair Bolsonaro e insuficiente para atender a demanda dos 19 milhões de brasileiros expostos à fome.

Pior ainda é o total de pessoas que ficará de fora do Auxílio Brasil, que substitui o Bolsa Família.

Ex-ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome no governo Dilma, Tereza Campello avalia que quase 30 milhões de pessoas estão excluídas do programa social de Bolsonaro.

De acordo com a ex-ministra, 43,9 milhões foram ou são beneficiárias de alguma ajuda, sendo

39,4 milhões do agora extinto auxílio emergencial e outras 4,5 milhões do programa Bolsa Família. Mas, Bolsonaro confirmou que apenas 14,6 milhões de pessoas serão contempladas com o Auxílio Brasil. Ou seja, dos mais de 43 milhões, quase 30 milhões de pessoas foram excluídas de algum tipo de ajuda governamental.

“Pode chegar a 29 milhões de excluídos pelo programa Auxílio Brasil em novembro. O governo está escondendo o mais importante: quem foi excluído!”, denuncia a ex-ministra.

Outro problema do programa é a falta de uma fonte de financiamento permanente, com previsão de pagamento apenas até dezembro de 2022. Além disso, o ajuste feito pelo governo na classificação de famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza foi ínfimo e defasado em relação aos parâmetros mundiais.

Bolsonaro incluiu nessas faixas famílias com renda per capita de até R\$ 100 e R\$ 200, respectivamente. A linha da extrema pobreza para países em desenvolvimento deveria ser de R\$ 172 e, segundo estudo do Banco Mundial, no Brasil, em torno de R\$ 300.

Para levar a cabo o plano de pagar o Auxílio Brasil, o governo aposta em um calote no pagamento dos precatórios, por meio de uma proposta de emenda à Constituição. Após o governo ter empenhado R\$ 3,3 bilhões do orçamento nas vésperas da votação do projeto, a PEC foi aprovada na Câmara dos Deputados, mas ainda sofre forte resistência no Senado Federal.

“Nós temos uma maioria de líderes partidários que são contra o calote nos precatórios e também iniciativas de apresentar um outro projeto de PEC, criando um programa de renda permanente, não só até o final de 2022, mas para sempre, como um direito e a consolidação do direito à dignidade

para que as pessoas em momento de dificuldade tenham a garantia, independente de eleição, tenham o Estado cuidando do básico, da renda básica”, afirma o senador Rogério Carvalho (PT-SE).

Para o parlamentar, a PEC dos Precatórios é um calote nas pessoas que esperam há anos para receber essa dívida do governo. O governo criou uma “gambiarra econômica”, denuncia. “Há insatisfações que se somam. Há insatisfação pelo calote, e isso movimenta parte significativa da base do Se-

O PT PROPÕE A INCLUSÃO DE UM PROGRAMA PERMANENTE DE DISTRIBUIÇÃO DE RENDA NA CONSTITUIÇÃO, POR MEIO DA PEC 36/2021

nado, tem a insatisfação por conta da fragilidade da proposta que o governo apresenta em termos de definição de auxílio, que é menor do que se corrigisse o Bolsa Família, em um momento de crise e desemprego”, pondera Carvalho.

“E tem um debate sobre regras fiscais que o governo está furando o bloqueio fiscal, o governo está desorganizando sem ao mesmo tempo colocar algo mais consistente do ponto de vista de regramento fiscal neste momento”, avalia.

O PT propôs a inclusão de um programa permanente de distribuição de renda na Constituição, por meio da PEC 36/2021, apresentada por Rogério Carvalho. A iniciativa estabelece que despesas relacionadas à renda básica, que serão atendidas por meio de crédito extraordinário, não serão consideradas, até o limite de R\$ 50 bilhões e nos exercícios de 2022 e 2023, no teto de gastos.

Ademais, os créditos não se submeterão à regra de ouro das finanças públicas prevista na Constituição, que consiste na vedação de endividamento do Estado com operações de crédito. “Nós precisamos constitucionar um programa de renda permanente às famílias brasileiras que por algum motivo, em algum momento da sua vida, estão em dificuldades. Não é razoável um país, com a riqueza que o Brasil tem, um país do tamanho do nosso, ter pessoas em dificuldades, em insegurança alimentar, pessoas passando fome, pessoas desabrigadas. Este país precisa olhar para todos os brasileiros”, defende.

Para o senador, a proposta do PT dá transparência à gestão dos recursos públicos e fura o teto de gastos naquilo que é fundamental dando ênfase ao mais importante que é diminuir as dificuldades das famílias. “Além disso, retoma o crescimento econômico, porque é dinheiro na veia, é dinheiro da economia, é o dinheiro que gira uma espiral anticíclica, que nós vivemos já há algum tempo de contração economia, de redução da atividade econômica, de desemprego, de diminuição da renda”, concluiu.

Se a máquina do governo terá força para aprovar a PEC dos Precatórios no Senado Federal, ninguém sabe. Mas, o que a grande maioria da população já percebeu é que os mais pobres não caem no Brasil de Bolsonaro. •



Reprodução

O BRASIL DA VERGONHA E DA DESIGUALDADE

Dados do IBGE mostram que 1% da população ganha 35 vezes mais que os 50% mais pobres. No país 105,5 milhões de pessoas subsistem com apenas R\$ 15,10 por dia

No Brasil de Jair Bolsonaro e do ministro Paulo Guedes, até o que deveria ser boa notícia traz uma iniquidade embutida. A queda da desigualdade de renda em 2020, por exemplo, só ocorreu devido ao auxílio emergencial, política pública negociada e aprovada pelo Congresso a despeito das manobras

evasivas do Palácio do Planalto, e que chegou ao fim em novembro.

Dados do IBGE revelam que, no ano passado, o rendimento médio mensal das pessoas do grupo de 1% com melhor rendimento foi de R\$ 15.816 por mês. Isso é equivalente a 34,9 vezes o rendimento dos 50% com menores rendimentos – média de R\$ 453. Foi um avanço comparado a

2019, quando a diferença era de 40 vezes e bateu o pico da série histórica, após quedas no governo Dilma Rousseff, entre 2012 (38,3) e 2014 (33,5).

Em 2020, houve redução de 9,4% na renda mensal real domiciliar per capita do topo da pirâmide social brasileira, onde vivem os 1% mais ricos. A renda deles caiu de R\$ 17.448, em 2019, para

R\$ 15.816, em 2020. Mas o auxílio emergencial permitiu que a renda média per capita recebida pela metade mais pobre da população brasileira crescesse 3,9% em relação a 2019, quando era de R\$ 436.

A pesquisa também apontou que a renda per capita nos domicílios das famílias mais pobres subiu 12,2% entre 2019 e 2020, de R\$ 688 para R\$ 722. Essa alta, no entanto, ocorreu em um contexto onde, em 2020, o rendimento médio mensal real domiciliar per ca-

pitado total do país caiu 4,3% ante 2019, chegando a R\$ 1.349.

“Houve uma piora do mercado de trabalho. Muita gente perdeu ocupação e todo mundo teve perda (na renda do trabalho), alguns mais, outros menos. Mas você teve uma política social que seguiu (os mais vulneráveis). Isso tornou a distribuição de renda do país menos desigual”, explica Alessandra Scalioni Brito, analista do IBGE.

“Houve redução da desigualdade porque todo mundo perdeu, não é porque alguns estão ganhando. É uma notícia que parece boa, mas não é tão boa”, ressaltou a pesquisadora. Para Brito, o auxílio emergencial funcionou como um “colchão” para os trabalhadores, principalmente informais, que perderam as ocupações ou ficaram impedidos de atuar devido às medidas restritivas adotadas no auge da pandemia.

“Foi um colchão, mas não para suprir toda essa queda que teve no mercado de trabalho e em outras fontes de renda”, ressalta. “No

Norte e Nordeste, como o peso de programas sociais é maior, aumentou um pouquinho (a renda per capita). Nas outras regiões, não. No Brasil, também não”.

O resultado obtido em 2020, mesmo com o auxílio emergencial, ainda representa 105,5 milhões de pessoas subsistindo com R\$ 15,10 por dia. Do total, entre 25 milhões e 29 milhões não sabem onde obterão renda a partir de dezembro, pois foram excluídos do Auxílio Brasil. Para a presiden-

ta nacional do PT, deputada federal Gleisi Hoffmann (PR), este é o legado do bolsonarismo.

“Auxílio Brasil é um programa meia boca feito pro ano eleitoral com data pra acabar. Alunos desmaiando de fome na escola, crianças sem fazer três refeições por dia, pais desesperados sem ter como colocar comida na mesa. Essa é a herança que Bolsonaro vai deixar: descaso e pobreza”, denuncia.

Segundo o IBGE, quase um quarto dos domicílios no país (23,7%) receberam ajuda de algum programa social em 2020 além de Bolsa Família ou Benefício de Prestação Continuada (BPC), principalmente auxílio emergencial, frente a uma parcela de 0,7% em 2019. Além disso, a renda de programas sociais supera a de pensões e aposentadorias em 2020. A parcela da população brasileira que apontou receber outros rendimentos subiu de 7,8% em 2019 para 14,3% em 2020, enquanto de aposentadoria ou pensão caiu de 13% para 12,4%. • **Agência PT**

HOUVE UMA PIORA DO MERCADO DE TRABALHO. MUITA GENTE PERDEU OCUPAÇÃO E TODO MUNDO TEVE ALGUMA PERDA NA RENDA DO TRABALHO

DESEMPREGO AGRAVA INADIMPLÊNCIA

A perda do emprego (43%), a impossibilidade de exercer atividade autônoma (22%) e a redução na carga horária de trabalho (20%), além dos gastos médicos (14%), foram as principais causas do endividamento de 90,7% dos consumidores brasileiros em situação de inadimplência durante o período mais agudo da pandemia. Os impactos ainda perduram entre 80,5% deles.

As conclusões são de um estudo promovido pela multinacional alemã de serviços financeiros Multivalor. A pesquisa revela que quando falta dinheiro no orçamento, a prioridade de 31,5% dos entrevistados é pagar o aluguel. Na sequência, vêm as contas de consumo, como água e luz (26,4%), e a fatura do cartão de crédito (13,1%).

“O cartão de crédito é importante, por ser usado como complemento do orçamento das famílias. Mas, em uma situação de falta de dinheiro, garantir a moradia e as condições básicas relacionadas ao morar, como água e luz, vêm primeiro”, explica Phelipe Alvarez, vice-presidente da Intervalor.

Quando questionados sobre as situações inesperadas que bagunçaram o orçamento, os consumidores voltaram a apontar a perda de emprego na família (situação de 25%), a ajuda financeira a um familiar ou amigo (20%), os gastos médicos (19%), a manutenção do veículo (18%) e o conserto emergencial da casa (11%). •

MENSAGEIRO DA FOME

O Brasil vive uma tragédia. No primeiro pagamento do Auxílio Brasil em novembro, Bolsonaro deixou de fora 25 milhões de brasileiros, em razão da extinção do Bolsa Família e do Auxílio Emergencial

O mais bem-sucedido programa mundial de combate à fome e à miséria foi aniquilado pelo presidente de extrema direita Jair Bolsonaro. O Bolsa Família, inaugurado pelo ex-presidente Lula há 18 anos, foi destruído. Em seu lugar, o governo militar instituiu um tal de Auxílio Brasil, iniciativa demagógica e eleitoreira que acabará quando for fechada a última urna das eleições do ano que vem. Mas o povo que se beneficiou do programa criado por Lula saberá diferenciar as duas coisas.

Exemplo replicado em várias partes do mundo, como instrumento de combate à pobreza e superação da fome, o Bolsa Família sobressaiu como programa que agregava um conjunto de políticas públicas que envolviam, por exemplo, frequência escolar de criança, saúde e valorização do trabalho. Essa estratégia de combate à pobreza foi desmontada, com o governo atual instituindo um programa que não vai parar em pé, já que é dissociado da seguridade social, do acesso ao SUS e da educação. Em outras palavras, um engodo montado num cenário sem políticas articuladas de combate à fome e à pobreza.

O Brasil vive uma tragédia. No primeiro pagamento do Auxílio Brasil em novembro, o governo deixou de fora 25 milhões de brasileiros, em razão da extinção do Bolsa Família e do Auxílio Emergencial. Dos 39,3 milhões de beneficiários do Bolsa Família e do Auxílio Emergencial, o número caiu agora para 14,5 milhões de pessoas. Sem falar que o pagamento médio foi de 200 reais, a metade do prometido pelo presidente.

Os dados do Mapa da Ex-

clusão levantados pela liderança do PT na Câmara mostram que, nas 20 maiores capitais do país, 6,2 milhões de pessoas ficaram sem benefícios sociais. Só em São Paulo, foram 1.593.826 pessoas. No Rio de Janeiro, 1.014.362. Em Brasília, são 391.437 pessoas, cerca de 10% da população local.

Esses milhões de pessoas vão engrossar a fila do osso nos açougues, num momento em que os preços dos alimentos disparam, a inflação é alta, os

O PT TEM UM PROJETO QUE AMPLIA O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA, QUE GARANTE R\$ 600 A CADA FAMÍLIA EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

salários estão congelados e o desemprego é a realidade para mais de 14% da população.

Legiões de famintos abandonados num momento em que os reflexos da pandemia de Covid-19 ainda perduram na economia e têm seus efeitos agravados pela política econômica desastrosa de Bolsonaro e Paulo Guedes, que não gera empregos e renda, mas apenas privilégios para os abonados do mercado financeiro e as aves de rapina de olho no patrimônio público.

O Partido dos Trabalhadores, por meio da bancada na Câmara, tem um projeto (PL 4086/2020) de ampliação do Bolsa Família, o qual garante R\$ 600 às pessoas em situação de miserabilidade. Três vezes mais do que o governo genocida começou a pagar em novembro a quem não foi cortado dos benefícios, e R\$ 200 a mais que o prometido para 2022.

O Mais Bolsa Família prevê, como a proposta original, algumas pré-condições para a concessão do benefício, entre elas o exame pré-natal, a frequência escolar de 60% em estabelecimentos de pré-escola ou educação infantil, para crianças entre 4 e 5 anos, ou de 85% para crianças entre 6 e 14 anos. Além do cumprimento obrigatório do calendário de vacinação.

Diferentemente da enganação do Auxílio Brasil, o Mais Bolsa Família visa a garantir a integralidade do direito e da proteção à assistência social, saúde e educação, com acompanhamento e apoio às famílias beneficiárias, em especial daquelas em situação de maior vulnerabilidade social, de forma articulada entre as áreas de assistência social, saúde e educação.

É por essa razão que o partido deve entrar com ação no Supremo Tribunal Federal para manter o Bolsa Família, um programa estruturado, com fonte de recursos permanentes, ao contrário do embuste criado por Bolsonaro, que jogou na incerteza, deixando sem renda mínima, milhões de pessoas em estado de maior vulnerabilidade.

O Bolsa Família é um dos maiores símbolos da gestão do PT. É sinônimo de cidadania e deve ser mantido a qualquer custo como política de Estado. •

Deputado federal pelo Rio Grande do Sul, é líder do PT na Câmara dos Deputados

COMO DEVOLVER O DINHEIRO DO FISIOLOGISMO PARA O SUS?

O Congresso deveria determinar o remanejamento imediato dos valores não executados das emendas de relator para o SUS. Os recursos seriam utilizados em vacinação da população e outras despesas de saúde

Bruno Moretti *, Carlos Octávio Ocké-Reis e Francisco Funcia*****

No governo Bolsonaro sobram recursos para o fisiologismo, ao mesmo tempo que os impactos da Emenda Constitucional 95, que instituiu o teto de gastos, drenam o orçamento do SUS em plena ressaca da pandemia.

Não foi à toa que a ministra Rosa Weber, do Supremo Tribunal Federal, determinou a suspensão integral da execução das emendas de relator (“RP 9”), até o final do julgamento de mérito da questão. A liminar foi confirmada pela maioria dos ministros.

A decisão é crucial para preservar a transparência e a impessoalidade na utilização do orçamento público, uma vez que sequer é possível conhecer os parlamentares que demandam recursos das emendas de relator.

A decisão sobre a alocação dos valores fica concentrada em lideranças do Congresso, especialmente os presidentes das casas legislativas, que podem utilizá-las, sem quaisquer critérios objetivos, para desequilibrar votações em curso.

O artigo 162 da Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2021 é claro ao determinar: “A execução da Lei Orçamentária de 2021 e dos créditos adicionais obedecerá aos princípios constitucionais da legalidade, da impessoalidade, da moralidade, da publicidade e da eficiência



na administração pública federal, e não poderá ser utilizada para influenciar na apreciação de proposições legislativas em tramitação no Congresso Nacional”.

Entretanto, na votação da PEC 23/2021 – a chamada PEC do Calote, ou PEC dos Precatórios –, houve diversos relatos, expostos pela mídia, de uso do RP 9 para compra de votos. No primeiro turno, a PEC foi aprovada por apenas quatro votos além do mínimo necessário. Vale observar, o empenho de emendas de relator quase triplicou entre setembro e outubro (mês de votação da

PEC 23 na Câmara), aproximando-se de R\$ 3 bilhões nesse último mês.

Em particular, a combinação entre austeridade fiscal e fisiologismo tornou mais crítica a redução das despesas no SUS, uma vez que as emendas de relator ocupam espaço fiscal dentro do teto de gastos.

Estimamos que a EC 95 retirou R\$ 42,5 bilhões do SUS em 2018, 2019 e 2022, neste último ano, considerando o projeto de orçamento. Em 2020 e 2021, na prática, a EC 95 não constituiu uma restrição à execução de recursos, pois foram editados créditos extraordinários fora do teto de gastos.

Além disto, a saúde perdeu este ano R\$ 1,6 bilhão em função do cancelamento do empenho relativo ao contrato fraudulento para compra da vacina Covaxin. No projeto de orçamento de saúde para

2022, sequer há recursos para vacinação de toda a população, havendo um déficit de R\$ 7 bilhões, segundo o próprio Ministério da Saúde.

Ante o exposto, considerando que, de um lado, há um saldo a empenhar de R\$ 7,58 bilhões em emendas de relator no Orçamento de 2021 – sendo R\$ 2,87 bilhões na saúde, segundo dados do Sistema Integrado de Planejamento e Orçamento (Siop) –, e de outro, conforme previsto na PEC 23, não há clareza sobre a aprovação pelo Senado Federal de recursos adicionais para combate à pandemia este ano, o Congresso deveria determinar o remanejamento imediato dos valores não executados das emendas de relator para o SUS.

Os valores seriam utilizados em vacinação da população e outras despesas de saúde, por exemplo, para atender às demandas reprimidas em função da redução, segundo cálculos da Fiocruz, de 900 milhões de procedimentos durante a pandemia, como cirurgias, transplantes e exames.

Para reverter a captura do orçamento de saúde pela austeridade e o fisiologismo são necessárias mudanças estruturais no arcabouço fiscal brasileiro. Todavia, seria fundamental, em meio ao caos sanitário que resultou em mais de 611 mil óbitos por Covid (Painel Coronavírus), pressionar o Congresso Nacional e destinar R\$ 7,58 bilhões para o SUS, remanejando os valores não executados das emendas de relator, de modo a atender à demanda da população por vacinação e serviços de saúde. •

* Economista, é assessor no Senado Federal. ** Economista, é pesquisador do Ipea. *** Economista, é professor da USCS, e consultor técnico do Conselho Nacional de Saúde

Reprodução

20 de novembro

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA É CELEBRADO

Conta a história que Zumbi dos Palmares morreu em 20 de novembro de 1695. Não por acaso, foi essa a data escolhida como Dia da Consciência Negra no Brasil – a celebração proposta pelo Grupo Palmares em 1971. O dia de luta foi definido pelo Movimento Negro Unificado em 1978.

Um dos maiores líderes quilombolas da nossa história se tornou símbolo da luta da população negra, que há séculos resiste à opressão e à violação de direitos em nosso país.

A Consciência Negra também resgata a ancestralidade de grande parte da população brasileira, num movimento de retorno às raízes históricas e culturais de povos que chegaram ao Brasil escravizados.

Mais de 100 anos após a abolição formal da escravidão e séculos depois do assassinato de Zumbi, o líder quilombola segue sendo referência de liberdade para negros e negras. Apesar de celebrada há décadas, a data só foi instituída oficialmente há dez anos, em 2011.

Outras datas históricas

20/11/1910: Estoura a Revolução Mexicana

20/11/1975: Fim da Ditadura Franquista na Espanha

24/11/1999: 2º Congresso Nacional do PT, realizado em Belo Horizonte (MG)

22/11/2019: 7º Congresso Nacional do PT, realizado em São Paulo (SP)



22 de novembro de 1910

ESTOURA NO RIO A REVOLTA DA CHIBATA

De 22 a 27 de novembro de 1910, soldados da Marinha brasileira tomam o controle de quatro navios de guerra ancorados na Baía de Guanabara, ameaçando bombardear a cidade do Rio de Janeiro, então capital do país. A Revolta da Chibata foi liderada pelo “Almirante Negro”, como ficou conhecido o marinheiro João Cândido Felisberto. A principal reivindicação dos trabalhadores amotinados era o fim dos

castigos corporais impostos pelos oficiais.

Pressionado após seis dias de tensão, o presidente Hermes da Fonseca acatou o manifesto redigido pelos marujos, assumindo o compromisso de dar fim aos maus tratos e anistiar os envolvidos na revolta. A promessa do governo, no entanto, não foi cumprida. A represália aos soldados marcou os dias seguintes à Revolta, com dispensas e prisões.

21 de novembro de 1979

DITADURA RETOMA O PLURIPARTIDARISMO

Em 21 de novembro de 1979, o Congresso aprova a lei que declara extintos Arena e Movimento Democrático Brasileiro (MDB) – os dois partidos criados pelo Ato Institucional nº 2 (AI-2) em 1965. O Brasil retomava, assim, o pluripartidarismo. A Lei Orgânica dos Partidos instituiu novas regras para a criação de legendas, mas a fundação de parti-

dos comunistas continuou vetada pela Lei de Segurança Nacional.

O objetivo da ditadura com a chamada “reforma partidária” era dividir o MDB antes das eleições de 1982, o que ficava claro pela exigência de que as novas legendas se chamassem “partido”, com siglas começando pela letra “P”.

Ulysses Guimarães decidiu, então, acrescentar a letra obrigatória à nova legenda, que passou a se chamar PMDB. Já a Arena mudou o nome para Partido Democrático Social (PDS).



20 de novembro de 2004 MORRE O ECONOMISTA CELSO FURTADO

Em 20 de novembro de 2004, o Brasil perdeu um de seus mais importantes pensadores. Vítima de um ataque cardíaco, o economista paraibano Celso Furtado deixou um valioso legado de reflexão intelectual aliada à atuação política. Furtado escreveu, entre outros títulos, o clássico “Formação Econômica do Brasil”.

Em sua vasta obra, o autor enfatiza o papel do Estado na economia e se opõe à ideia de que o subdesenvolvimento seja uma etapa para o desenvolvimento. Segundo ele, o subdesenvolvimento é, sim, uma forma de organização social do sistema capitalista.

Essa combinação de pensamento econômico com história é uma das mais importantes contribuições de Celso Furtado.

No âmbito político, após sua atuação na Sudene, Celso Furtado foi nomeado titular do novo Ministério do Planejamento no governo João Goulart. No cargo, idealizou o Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social, com regras e instrumentos rígidos para o controle do déficit público e da inflação. Após o golpe militar, foi incluído na lista de cassados pelo AI-1, perdendo seus direitos políticos.



18 de novembro de 2019 JOSUÉ DE CASTRO PUBLICA “GEOGRAFIA DA FOME”

Referência fundamental para a análise dos impactos sociais do subdesenvolvimento, “Geografia da Fome” foi publicado pelo pernambucano Josué de Castro em 25 de novembro de 1946. Contrariando a corrente do pensamento reinante à época – que atribuía a miséria às condições naturais, climáticas e étnicas –, o autor apresentava a fome como fruto da ação humana e da condução econômica do país. “Fome e subdesenvolvimento são uma mesma coisa”, afirmou. E concluiu: o subdesenvolvimento é produto da apropriação injusta da abundância de recursos da natureza.

Josué foi pioneiro ao defender a instituição do salário míni-

mo como garantia de segurança alimentar das famílias. Formulou ainda, para o governo, uma política de merenda escolar com o objetivo de reduzir a subnutrição infantil, além de ser um veemente defensor da reforma agrária, convencido de que a agricultura familiar fixaria o homem ao campo e garantiria a produção de alimentos necessária para a superação da miséria.

Elegeu-se duas vezes deputado federal pelo PTB de Pernambuco. Nesse período, assumiu também o cargo de presidente do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Em 1963, foi indicado embaixador do Brasil na ONU.

Esta seção é fruto da parceria entre o Centro Sérgio Buarque de Holanda, da FPA, o Memorial da Democracia e o Instituto Lula. Os textos remetem a um calendário de eventos e personalidades da esquerda que é colaborativo e está em constante atualização.

Envie suas sugestões por e-mail para memoria@fpabramo.org.br

Visite o memorialdademocracia.com.br

DEMOCRACIA, COM RACISMO, NÃO DÁ

Organizados para debater a cultura como elemento integrante e transformador da democracia, seminários reafirmam centralidade do povo negro

Isaías Dalle

A luta antirracista e a afirmação dos direitos do povo negro, assim como sua inserção no processo decisório do país, foram temas que percorreram diversos debates ocorridos durante os seminários Cultura e Democracia, entre 8 e 19 de novembro. O ponto comum das análises é que a exclusão e a violência contra a população negra e os povos originários brasileiros, expressões mais evidentes do racismo, turvam a democracia e impedem sua concretização.

Mesmo que nenhuma das nove mesas do primeiro ciclo dos seminários tenha tratado da questão eleitoral, ficou evidente, por óbvio, a necessidade de derrotar o bolsonarismo como medida essencial para a retomada do processo democrático. E que este se dará, de fato, na superação do racismo. Para tanto, adotar a agenda negra e indígena não como elementos paralelos, mas centrais.

A democracia nos moldes liberais, em formato “tipo exportação”, especialmente aquela preconizada pelos Estados Unidos, fracassou, segundo afirmaram muitos dos participantes. O profundo fosso entre ricos e pobres, a violência institucional, a predominância da economia, como falsa ciência, sobre a política e sobre todas as demais

expressões culturais, transformaram a promessa democrática em escombros.

Outro ponto de convergência dos debates é o estado moribundo do capitalismo, que enfrenta cada vez maiores e incontornáveis obstáculos para se reproduzir por intermédio de sua acumulação. Daí o agravamento do autoritarismo e dos ataques aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras. Essa combinação, como historicamente sempre aconteceu, penaliza os mais pobres e vulneráveis. Portanto, agrava o racismo.

Por outro lado, a assunção de novas formas de fazer cultura e política, observadas nas periferias do Brasil e do mundo, abre novas possibilidades para a construção de um outro modelo democrático. Para Dennis de Oliveira, professor da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, o Brasil precisa encetar uma luta ampla e popular contra a colonização e pela soberania nacional. Um elemento central para isso será valorizar a herança negra e colocá-la no centro do projeto político. “A amefricanidade é o caminho para construir um Brasil emancipado”, disse, tomando como referência conceito criado pela pensadora Lélia Gonzalez.

Gilberto Gil, que participou da mesa de 10 de novembro, defendeu que o futuro do Brasil seja mestiço. “Nosso tom é mestiço. A nossa democracia deve ser mesti-

ça, a igualdade deve ser mestiça, ou seja, as desigualdades, numa analogia com a refração da luz, devem ser apenas nuances surgidas no intercâmbio entre as cores do arco-íris vivencial, e não no encardimento definitivo do preto ou o desbotamento definitivo do branco nos extremos do espectro”, falou o músico, ex-ministro da Cultura no governo Lula e recém-eleito imortal da Academia Brasileira de Letras.

A proposição de Gil parece dialogar com análise do professor Dennis, para quem o mal-estar dos racistas em pertencer a uma sociedade tão profundamente influenciada pelos negros é uma “neurose cultural”. A ex-ministra das Mulheres, Igualdade Racial, Juventude e Direitos Humanos, Nilma Lino Gomes, apontou como necessária, para ampliar a luta antirracista, a superação dessa neurose. Segundo ela, o movimento negro brasileiro tem ampliado o espectro de ação. “Ele continua forte e passa por mudança, há uma expansão das articulações e maior incidência das pessoas não-negras. Isso dá um outro tom à cultura”, afirmou.

Os seminários, cujo primeiro ciclo de debates encerrou-se na última sexta-feira, são uma iniciativa do Instituto Cultura e Democracia e das fundações Perseu Abramo e Friedrich Ebert. As nove mesas podem ser revistas nos canais do Youtube das entidades organizadoras. •

Venício A. de Lima

PAULO FREIRE

A prática da
liberdade,
para além da
alfabetização

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

autêntica



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores



BRASIL: CINCO ANOS DE GOLPE E DESTRUIÇÃO

SANDRA BRANDÃO | (ORG.)

APRESENTAÇÃO | DILMA ROUSSEFF

PREFÁCIO | ALOIZIO MERCADANTE

O livro está disponível no site
da Fundação Perseu Abramo
fpabramo.org.br

